



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCEG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS – UACS
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA
DAIANY GOMES DE LIMA

**A FLOR DO SERTÃO: ANALISANDO AS RELAÇÕES DE GÊNERO A PARTIR
DA REVISTA FLOR DE LIZ, NA DÉCADA DE 1920 EM CAJAZEIRAS.**

CAJAZEIRAS – PB
2013

DAIANY GOMES DE LIMA

**A FLOR DO SERTÃO: ANALISANDO AS RELAÇÕES DE GÊNERO A PARTIR
DA REVISTA FLOR DE LIZ, NA DÉCADA DE 1920 EM CAJAZEIRAS.**

Monografia apresentada à Banca Examinadora do Centro de Formação De Professores da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), como exigência parcial par obtenção do grau de Licenciatura em História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosemere Olímpio de Santana

DAIANY GOMES DE LIMA

**A FLOR DO SERTÃO: ANALISANDO AS RELAÇÕES DE GÊNERO A PARTIR
DA REVISTA FLOR DE LIZ, NA DÉCADA DE 1920 EM CAJAZEIRAS.**

Monografia apresentada à Banca Examinadora do Centro de Formação De Professores da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), como exigência parcial par obtenção do grau de Licenciatura em História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosemere Olímpio de Santana

Data de Aprovação: _____/_____/_____

Prof^a. Dr^a Rosemere Olímpio de Santana
Orientadora

Prof^a. Dr^a Mariana Moreira Neto
Membro Examinador

Prof^o. Ms Leonardo Bruno Farias
Membro Examinador

CAJAZEIRAS-PB
2013

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

L732f Lima, Daiany Gomes de

A Flor do sertão: Analisando as relações de gênero a partir da revista Flor de Liz, na década de 20 em Cajazeiras./Daiany Gomes de Lima. Cajazeiras, 2013.

67f. : il.

Orientadora: Rosemere Olimpio de Santana

Monografia (Graduação) – UFCG/CFP

1. História da Paraíba. 2. Revista Flor de Liz.

Aos meus pais, Antônio e Vera Lúcia, pelo amor recebido, apoio e dedicação incondicional durante todos esses anos.

Ao meu esposo, Julio César, que sempre me incentivou e sonhou comigo durante essa trajetória.

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Palavras apenas, jamais conseguirão explicar tamanha gratidão por todos aqueles que de uma maneira ou de outra, contribuíram para a realização desse sonho.

A **Deus** todo poderoso que sempre me guiou e fortaleceu, mesmo diante das dificuldades, jamais me desamparou.

A Maria Santíssima, que intercedeu por mim junto a Deus Pai.

A minha mãe, por tanto amor, dedicação e cuidado para comigo em todos os momentos, inclusive no período da graduação, sempre me acolhendo e me acalmando nos momentos tensos.

A meu pai, que nunca mediu esforços para me ajudar, sempre me dando força para prosseguir minha jornada.

A meu querido irmão Danrley, pelos momentos de acolhimento e descontração no intervalo de cada página.

A minha estimada orientadora a Doutora Rosemere Olimpio de Santana, por tanta paciência, competência e pelas sugestões e contribuições que tanto enriqueceram esse trabalho.

Aos meus familiares:

Minha avó, Maria, por tanto carinho e tanto orgulho com a primeira neta a realizar o sonho da formatura.

Aos meus queridos tios pelo apoio e por jamais me deixarem fraquejar em meio às turbulências, em especial- Tio Francisco, Aninha, Tia Nece, Padrinho Chico, Madrinha Lourdes, Tia Nana.

As primas amados que desde a infância acreditaram na minha capacidade, entre eles: Zumira, Kelly, Kaliane, Janaina, Ana Claudia.

Aos colegas de curso, que se fizeram a minha nova família, em especial as minhas queridas- Ionara Pereira, Kamilla Dantas e Harlanne Krislen- sentirei saudades.

Ao amigo de todas as horas José Soares, pelas sábias palavras nos momentos mais oportunos.

Aos professores da graduação, pelo conhecimento partilhado e pelos incentivos nos momentos difíceis.

Enfim quero agradecer a pessoa que nos últimos três anos se tornou o meu porto seguro, que me incentiva, apoia, compreende, a você Julio César, que tantas noites teve que dormir com seus olhos cobertos, para que eu ficasse com a luz acesa estudando.

A todos, que torcem pelo meu sucesso, meu:

Muito obrigada!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 – As mulheres cajazeirenses na década de 1920	15
1.1. A cidade na década de 1920: modernidade ou conservadorismo?	15
1.2. A Igreja e sua atuação na Paraíba em 1920	19
1.3. A imprensa em Cajazeiras: Fonte de divulgação sobre a modernidade	22
2. Mulheres e escritas de si: Uma breve história sobre as Revistas Femininas na Paraíba	27
2.1. A imprensa Paraibana e feminina da década de 1920	27
2.2. Uma breve abordagem sobre as mulheres escritoras na Paraíba: Analice Caldas e Eudésia Vieira	31
2.3. FLOR DE LIZ: O perfil da Flor do Sertão	34
3. Mulheres escritoras na Revista Flor de Liz	40
3.1. A Escola Normal Cajazeirense e a formação feminina nos discursos da Flor de Liz	40
3.2. A presença das Irmãs Dorotheás e sua influência na Revista Flor de Liz	44
3.3. Religião e Educação: Discursos femininos acerca dos lugares construídos e ocupados pelas mulheres da Flor de Liz	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55
ANEXOS	58

“As mulheres são os arquitetos reais da sociedade”.

Harriet Beecher Stowe

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar as relações de gênero na imprensa cajazeirense na década de 1920, por meio da Revista Flor de Liz. Um periódico ilustrado de circulação mensal, publicado entre os anos de 1926 a 1937, escrito por mulheres da Associação Social Católica Feminina (ASCF). Para realização desse trabalho escolhemos os periódicos que correspondem aos anos 20, todos digitalizados. Em uma época de mudanças e modernizações para as cidades brasileiras, inúmeros foram os temas presentes na Flor de Liz. Apresentando sempre discussões sobre a Religião (por pertencer a ASCF), educação, moda, instrução, informações domésticas, entre outros temas que se faziam presentes quando o tema era as mulheres. A Revista tinha a mulher como personagem central, defendendo sempre a necessidade de formação e instrução. Ao longo de suas edições, percebemos as táticas e estratégias elaboradas por essas mulheres ao usarem o espaço da imprensa para expressarem sua opinião, em uma época de preconceitos e questionamentos em torno do lugar social ocupado pela mulher.

Palavras-chaves

Modernidade - Mulher- Imprensa Paraibana- Igreja Católica

ABSTRACT

This study has a purpose to analyzing the genre relations in the press in the town of Cajazeiras on the XX century, through *Flor de Liz* magazine. It was an illustrated periodical monthly circulation, published of 1926 to 1937, it was written by women from the Social Catholic Women Association (SCWA). To achievement this work we choose the periodical corresponding to 1920s, all of them scanned. In an epoch of changes and modernizations to Brazilian cities, countless were themes of the *Flor de Liz* magazine. The *Flor de liz* magazine, always shows discussions about religion (by pretence SCWA), education, fashion, instruction, domestic information, among others themes that were present when the theme it was the women. The magazine had the woman how the main character, defending the necessity of formation and instruction. Along its editions, we can realize tactics and strategies made by these women when she used the press space to express her opinion, in an epoch of pride and questions around the social place took up by the woman.

Key-words:

Modernity – Woman – Press of the Paraiba – Catholic church

INTRODUÇÃO

A presente proposta consiste em analisar os lugares construídos para as mulheres, através da imprensa cajazeirense na década de 1920, por meio da *Revista Flor de Liz*, um periódico de circulação local e mensal, escrito por mulheres e organizado pela Associação Social Católica Feminina, em uma pequena cidade do interior paraibano, na qual tinha o seu cotidiano modificado pelos símbolos do moderno que perpassavam as fronteiras e se instalavam também em Cajazeiras.

Assim como no Brasil, a Paraíba também produzia uma quantidade significativa de periódicos para a época. Em Cajazeiras a *Flor de Liz*, em suas várias edições tinha como elemento central a figura da mulher, acompanhada por uma ampla variedade de temas, incluindo a moda, educação, dicas domésticas, notas de aniversários, de falecimentos e casamentos, família, liberdade, culinária e principalmente a Religião, por ser uma revista com orientação Católica. Enfim, era comum nos artigos aparecer à preocupação com o comportamento feminino.

A Igreja temia que as mulheres seguissem a risca os ditames trazidos pela modernidade e isso pudesse afastá-las da moral e dos bons costumes estabelecidos pela mesma. Nesse contexto, a Igreja Católica precisava de outros meios para se fazer presente na sociedade enquanto normatizadora dos valores que os fieis deveriam seguir. A imprensa nesse caso foi de fundamental importância, na capital, o jornal a Imprensa destacava-se ao discutir diversos temas relacionados ao comportamento feminino e a modernidade. Em Cajazeiras a *Flor de Liz* assumiu esse lugar de debate, ela tinha a finalidade de mostrar às mulheres da sociedade cajazeirense como deveriam agir e pensar. Por isso a educação também foi um tema bem explorado pela Revista, isso porque a maior parte das escritoras que compunham a redação havia cursado o magistério na Escola Normal Nossa Senhora de Lourdes, na cidade de Cajazeiras.

Analisando tais discursos, buscamos problematizar que a revista embora ocupasse esse lugar estratégico representando os preceitos Católicos para o comportamento feminino, as falas e as posturas de algumas escritoras

distanciavam-se ou apresentavam certo conflito, é o que analisamos enquanto táticas, ou seja, o lugar da revista poderia ser apropriado por essas mulheres para expor questões que de alguma forma não eram as mesmas propagadas pela Igreja, ou pelo menos, não da mesma forma. Essas temáticas estavam voltadas para a igualdade de direitos femininos e ocupação do mercado de trabalho.

Percebemos que a Flor de Liz, assim como muitas produções da época apresentava um debate caloroso em torno da temática modernidade. As escritoras da revista também mantinham em suas falas essas questões, ou seja, mesmo fazendo parte da ASCF de Cajazeiras, elas não comungavam totalmente com as posturas católicas. No entanto, vale salientar que era necessário “jogar o jogo do outro”, ou seja, a Igreja Católica apresentava posturas contra algumas questões ditas modernas, mas sabia que era necessário rever algumas posturas, as mulheres da Flor de Liz, por sua vez, também sabiam utilizar os espaços, as táticas na revista para apresentar as suas opiniões sem “bater de frente” com a Igreja.

A presente monografia foi organizada em três capítulos, os quais se apresentam da seguinte forma.

No primeiro capítulo intitulado: “*As mulheres cajazeirenses na década de 1920*”, analisamos os discursos modernos que se instalavam em Cajazeiras como consequências das mudanças que ocorriam em grande parte do Brasil. Utilizamos para composição desse capítulo alguns autores que trabalham com o conceito de modernidade na Paraíba e em Cajazeiras. Buscamos compreender, como as mulheres cajazeirenses eram representadas nesse momento perante a sociedade, pois modernidade e conservadorismo dividiam o mesmo espaço na sociedade. Havia também o controle da Igreja Católica Paraibana, se mostrando influenciadora de comportamentos e hábitos, principalmente para os corpos femininos. E ainda analisar como a imprensa Cajazeirense, utiliza esse espaço para destacar o poder e a participação da mulher paraibana na imprensa e na sociedade.

O segundo capítulo que tem como título: “Mulheres e escritas de si: Uma breve história sobre as Revistas Femininas na Paraíba” propõem uma discussão

sobre a imprensa, a cerca de revistas femininas que circularam na Paraíba, com destaques a Revista Era Nova e Revista Flor de Liz. Com isso abordaremos a trajetória de Analice Caldas e Eudésia Vieira, duas escritoras paraibanas que merecem destaque por aceitarem o desafio e se arriscarem em um novo território, o da escrita em uma época de preconceitos e questionamentos com relação às decisões femininas. E ainda traçamos a estrutura de apresentação e edição da *Revista Flor de Liz* em suas inúmeras publicações.

No terceiro e último capítulo intitulado: “Mulheres escritoras na Revista Flor de Liz”, apresentamos a importância da Escola Normal Cajazeirense para a formação feminina em artigos publicados pela própria Revista Flor de Liz, salientando a importância da educação e instrução na vida de uma mulher que fizesse parte do contexto histórico de uma cidade na década de 20. E ainda expor a presença das Irmãs Dorotheás em Cajazeiras e sua influência na Revista Flor de Liz.

Nesse tópico podemos perceber também a associação de temáticas como, Religião e da Educação, que estavam sempre presentes nos artigos publicados pela revista *Flor de Liz*, e ainda os discursos femininos acerca dos lugares construídos para as mulheres naquela sociedade.

Nesse contexto percebemos a importância de analisarmos os lugares que estavam sendo construídos para as mulheres e pelas mulheres, em uma época de preconceitos e revisão de valores.

CAPITULO 1 – As mulheres cajazeirenses na década de 1920.

1.1- A cidade na década de 1920: modernidade ou conservadorismo?

A princípio faz-se importante destacar como a cidade de Cajazeiras se mantinha organizada na década de 1920, indícios encontrados desde sua criação na segunda metade do século XIX, em torno da fundação de um colégio pelo padre Inácio Rolim, mostram a história e a importância da cidade que com as primeiras feiras no centro urbano, começa a se desenvolver consideravelmente.

No contexto histórico, da cidade de Cajazeiras no ano de 1876, iniciou-se profundas mudanças, pois de condição de vila, Cajazeiras é transformada em cidade, desenvolvendo-se através das feiras e do comércio do algodão. Notando-se grande desenvolvimento no comércio e na população do município que crescia rapidamente, melhorando as condições materiais da área urbana. Acreditava-se naquele período que através do algodão a riqueza chegava a Cajazeiras e os símbolos modernos que surgiam funcionavam como consequência da realidade econômica que se manifestava nesse momento. Segundo Silva Filho “Decorre então um momento de transição na cidade, onde o velho passa a conviver com o moderno. A década de vinte e o desenrolar dos anos trinta, foram marcados pelo desenvolvimento econômico proveniente dessa flor”. (SILVA FILHO, 1999, p.293).

Mas nem só de aspectos econômicos uma cidade se constitui e se moderniza importante também para esse momento são os aspectos e movimentos culturais, contados por meio de sujeitos que vivenciam e valem-se desses símbolos, aprimorando-os e adequando-os ao cotidiano e as suas necessidades. Para Chagas ao se referir à capital:

“Os habitantes não só “vestiram” as cidades de modernidade, mas se “vestiram” também; com características que os tornaram urbanos e modernos. Passaram a desejar o que era “novo”, em termos de vestuário, de melhoramentos possibilitados por novas tecnologias ou em termos de frequentar novos espaços criados pela remodelação da cidade. O consumo e a corrida pelos emblemas denotativos da modernidade tornaram-se características da época.” (CHAGAS, 2004. pp: 119-120)

A chegada de novos tempos se dava nesse município, tendo na ferrovia um elemento que movimentou a década de vinte, sendo através dele que os habitantes de Cajazeiras receberam influências de outras pessoas e de outros lugares. As novidades da moda chegavam por meio de trem aumentando e melhorando o trabalho das costureiras, as quais eram bem procuradas pelas moças da época. Gervácio Batista Aranha ao falar dessa forma do trem em Campina Grande:

As estações de trem do Norte do Brasil, na transição do século XIX para o XX, provocaram um profundo impacto na vida dos lugares onde foram instaladas: de um lado, porque se revelaram espaços simbólicos de um novo tempo, simbolismo presente em sua condição de espaços de espetáculo de uma das grandes conquistas da mecânica moderna e de espaços de sociabilidade através do qual os habitantes se comunicavam entre si e com o mundo exterior; de outro, porque os inúmeros interesses que para eles convergiam levaram a emergência de novas conformações urbanas. (ARANHA, 2010, p. 137).

O autor destaca ainda que o trem revelava um novo ritmo no cotidiano da vida das pessoas e dos lugares por onde passava, funcionando como uma espécie de contato das cidades menores do interior com o mundo.

Diante das cidades que se remodelavam e embelezavam como João Pessoa e Fortaleza, adquirir os modernismos significava incorporar os emblemas sempre renovados das áreas mais urbanizadas, como as capitais. Através desses ícones, a imaginação produzia a sensação de novidade, inserindo uma imagética do moderno na cidade. (SILVA FILHO, 1999, p.298).

Com isso a década de 20 se intensificava em Cajazeiras, com diversas mudanças e transformações no centro urbano, mudanças essas limitadas, por ser uma cidade interiorana, Cajazeiras não conseguia acompanhar as mesmas transformações que ocorriam nos grandes centros urbanos. Em 1925, alguns automóveis chegam à cidade, eram privilégios de poucos moradores, comprados pelos comerciantes mais capitalizados da época. Já no ano de 1928 surge a Liga Desportiva Cajazeirense responsável pela regulamentação de jogos esportivos principalmente o futebol que animavam a cidade nos finais de semana.

A moda também se fazia presente no cotidiano cajazeirense, com foco sempre nas mulheres que tentavam acompanhar as tendências das senhoras da

capital, salientando que essas mudanças ocorriam dentro dos limites que lhes eram impostos pela sociedade. Buscavam reafirmar o espaço ocupado pelas mulheres, sempre atrelado ao lar para que não se desviassem da moral e dos bons costumes estabelecidos pela Igreja Católica.

Um caso curioso, sobre a moda dos cabelos curtos, está presente em um artigo da revista *Flor de Liz: Cabellos a lá garçonne* quando Cynthia Mendonça Mattos afirma:

A moda, essa rainha infatigável da fantasia e da elegância que paira acima de qualquer consideração, vencendo sempre as oposições, conseguiu com as suas tyrannias deitar por terra as monumentaes cabelleiras que nos tempos idos representavam abelleza e o martírio das mulheres. Sim, o martyrio porque antigamente custava um sacrifício decepar-se uma vasta cabelleira. Hoje, naturalmente são ellas cortadas com prazer, por novidade. (FLOR DE LIZ, 1927).

A partir de discursos como esses percebemos que a cidade de Cajazeiras começa a vivenciar outras experiências como cita Silva Filho (1999, p.298) :

Na Rua Padre José Tomaz, a loja do seu Sousinha vendia enlatados, conservas, vinhos e conhaques finos. A agência de Correios, na esquina da Rua Padre Tomaz com a Rua Padre Rolim, recebia anúncios de casas comerciais de localidades vizinhas e até de Fortaleza... pela propaganda, através de endereços telegraphicos.

Assim, embora esses serviços não estivessem disponíveis para todos da cidade, representavam algumas mudanças presentes em cidades consideradas importantes. Em meio aos símbolos trazidos pela modernidade o cinema também se fazia presente, mas de acordo com Lincon César Medeiros de Souza (2009),

“Para os defensores da modernidade o cinema se mostrou como um ambiente de civilidade, porém, nem todos acreditavam nessa ideia. Havia também aqueles que o viam como causador de vários males para a sociedade, como, por exemplo, os membros da igreja católica defensores da tese de que o cinema não passaria de uma invenção nociva para a cidade e os admiradores do teatro até então considerado uma arte superior à linguagem técnica do cinematographo. Na verdade, o cinema nem sempre foi recepcionado de forma lisonjeira”. (COSTA, 2009, p. 41).

Notamos então, que tais símbolos ditos modernos como é o caso do cinema, responsável em difundir a cultura, também foi visto de forma negativa por alguns órgãos da sociedade, principalmente a Igreja Católica, que temia os impactos sociais causados pelo novo. Através da exibição de seus filmes com temáticas como o sexo, danças e roupas o cinema poderia influenciar a boa conduta proposta para a sociedade. Para Cipriano (2002, p. 50), “O cinema era apenas um dos muitos perigos localizados na rua, visto como possibilidade de adultério e que poderia desvirtuar as mães e esposas “honestas”.

Nesse mesmo período jornais começavam a ser produzidos e anunciavam em suas propagandas esses símbolos modernos que paulatinamente ganham espaço em meio aos aspectos tradicionais, exercem exclusividade para uma comunidade de leitores, uma vez que não eram todos os cidadãos de Cajazeiras que tinham acesso aos periódicos, nota-se que o projeto modernizador teve sua origem junto à elite cajazeirense.

Cajazeiras experimentou um significativo crescimento urbanístico/populacional na década de 1920 e ganhou uma série de inovações como a chegada da luz elétrica, do cinema, do trem de ferro, do telefone e do telégrafo, da impressão de jornais locais, da prática do futebol que somados a uma série de melhoramentos urbanos e à construção de grandes casarões e prédios nas ruas centrais deixavam um ar de modernidade e de civilização, na cidade (ROLIM, 2010, p.p: 42- 43).

A década de 20 também foi responsável em levar as primeiras remessas de jovens estudantes, que partiam para os grandes centros em busca de melhores colégios, mas apenas os ricos podiam mandar seus filhos para fora de Cajazeiras para frequentar boas escolas e até a faculdade.

Através do crescimento e desenvolvimento das inovações que aos poucos chegavam, essas questões urbanas ditas modernas estavam representadas em discursos propagados por jornais como o *Rio do Peixe*, *O Rebate* e por revistas como a *Flor de Liz* que apresentava como marco maior difundir a fé católica, apresentando elementos modernos que se diferenciavam em meio ao tradicional, nisso Cajazeiras era influenciada por diversos discursos que revelavam o impacto do moderno no tradicional. Tornando-se assim espaço de conflitos, pois se faziam inúmeros os discursos negativos em torno da modernidade, principalmente

quando envolviam a moral e os bons costumes sociais, inclusive os femininos. Tais discursos representados pelo próprio cinema, como já citamos, a moda, o divórcio e tantos outros símbolos nem sempre eram tidos apenas como progresso e desenvolvimento.

1.2- A Igreja e sua atuação na Paraíba em 1920.

A Fundação da Diocese na Paraíba não foi por acaso. Ela fazia parte da estratégia do Episcopado Brasileiro em ampliar o número das dioceses do Brasil, pois, —a Igreja procurava se repensar institucionalmente na tentativa de reverter o processo de decadência que o período imperial lhe proporcionara. (FERREIRA *apud* COSTA; 2011, p.48). Se no período imperial havia uma fusão da Igreja com o Estado controlando os preceitos da sociedade, na República essas instituições se separam e cada uma busca seus interesses próprios. A Igreja pautada nas estratégias romanizadoras, objetivava a união dos vários tipos de catolicismos existentes.

Diante disso já é notória a importância da imprensa, pois de acordo com Costa (2011), a imprensa foi uma estratégia romanizadora relevante no Brasil, pois em várias regiões brasileiras foram fundados jornais e revistas católicos. Além disso, eles tinham o —poder de representar as doutrinas e as ideologias da Igreja Católica Romana nos locais mais longínquos.

Desmembrada da Diocese da Paraíba, a Diocese de Cajazeiras fundada no ano de 1924, também busca essa ideia, pois durante a primeira década do século XX, houve grande preocupação da Igreja Católica com o destino da família e principalmente com o da mulher que poderia ser influenciada por ideais feministas e propagar uma conduta moral, que seria inadequada para as mulheres daquela época.

Para analisar a influência da Igreja sobre o estado paraibano, podem-se destacar duas organizações que marcaram presença: O movimento Noelista, o qual era representante da Igreja e a Associação Paraibana Pelo Progresso Feminino, representante do movimento feminino.

A autoridade religiosa cedia permissão para o funcionamento dos grupos Noelistas, sendo necessárias da mesma certa organização e principalmente instrução adequada para lidar com essas mulheres, combatendo os ensinamentos laicos. Em Cajazeiras já há reflexos dessas práticas, podemos perceber através de um artigo na Revista Flor de Liz que relata exatamente a importância da instrução feminina perante a sociedade:

Há vantagem para uma moça em instruir-se? Sim. Porque hoje a instrução tudo vale e encontra-se à frente de todas as nossas empresas. Ella está unida a educação e os defeitos desta reflectirão naquella. Ora desde que, não podemos viver sem educação, difficil será passar-se sem instrução, si ellas são inseparáveis(...) A instrução ainda apresenta grandes vantagens para as moças porque elle vae ás camadas interiores do nosso ser, fixando com sua chegada, a religião, a moral e as grandes idéas que irão servir no nosso desenvolvimento intellectual. (FLOR DE LIZ, ABRIL, 1927).

Simone da Silva Costa (2007), em sua dissertação de mestrado: Mulheres em defesa da ordem: um estudo do Núcleo Noelista da Paraíba nos anos de 1930-1945, faz uma discussão acerca da formação e desempenho dos grupos femininos atuantes na Paraíba, sempre atrelando aos discursos modernos e analisando a verdadeira função dada à mulher pela sociedade. Muito dessa modernidade era rejeitada pela Igreja católica, uma vez que fazia o possível para combater esses símbolos que fossem capazes de ameaçar a integridade e os bons modos dados aos cristãos pela Igreja.

O grupo Noelista, criado pela própria Igreja Católica, funcionavam como uma ponte na luta contra outros grupos e faziam parte mulheres que tinham a importante função de transmitir para os fiéis os ensinamentos considerados corretos, para que os cristãos não se desviassem da moral e dos bons costumes, repassados muitas vezes pela imprensa religiosa, levando aos lares os princípios da boa educação feminina, os quais tinham na família como essência, e no lar o lugar propício para difusão das ideias femininas, tendo na formação cristã da mulher uma necessidade para conservá-la nos espaços interno, enquanto mãe, esposa, dona de casa, em defesa da ordem moral e cristã.

As Noelistas aceitaram e defenderam o direito ao voto feminino, mas deveriam escolher os candidatos que fossem consentidos pela Igreja, assim os

princípios não seriam alterados e nem modificados. Consequentemente notamos que não havia nenhum problema as mulheres acompanharem os símbolos modernos, porém só teriam a permissão da Igreja se essas práticas se restringissem aos espaços delimitados para ação e atuação da mulher. O receio que a Igreja tinha com relação à sociedade em não seguir seus mandamentos, fez com que fosse criado a Liga Eleitoral Católica e a Juventude Católica Feminina; com o intuito da mulher ter participação nos destinos do país através do voto, mas vale salientar que era uma participação política limitada, pois temia-se que essas mulheres se distanciassem do ideal pensado para as mesmas, ou seja, o lar.

Na década seguinte, mais precisamente no ano de 1933, seria fundada na Paraíba a Associação Paraibana pelo Progresso Feminino (APPF).

Sendo o feminismo um movimento que busca a igualdade nos direitos entre homens e mulheres, no Brasil não houve tanta repercussão e radicalidade como em outros países, a exemplo dos Estados Unidos. Com isso o mesmo era visto como ameaça ao pensamento conservador católico, pois à mulher católica era entregue à importante função de construir uma nação forte e isenta de qualquer influência que fosse capaz de colocar em dúvida toda autoridade católica. Mas, vale salientar que na Paraíba a APPF não foi perseguida pela Igreja Católica, em nota ao jornal *A União* o Bispo D. Aducto confirma o seu entendimento sobre a associação, pois as mesmas não possuíam o mesmo radicalismo das feministas e inglesas e norte-americanas, sendo mulheres que estavam interessadas apenas nas questões sociais.

A influência da igreja em Cajazeiras também foi percebida em outros grupos e associações, como foi o caso do *Círculo Operário São José* e o *Grêmio Artístico Cajazeirense*. Para Antonio José de Souza:

“Duas fortes correntes operárias surgiram em Cajazeiras. Organizaram-se em associação. Tomaram forma jurídica. Uma sob a denominação de *Círculo Católico Operário São José*, filiado ao *Círculo Católico Operário de Fortaleza*; a outra denominou-se *Grêmio Artístico Cajazeirense*, filiado ao *Centro Artístico Cearense*, cuja fundação efetuou-se sob o calor de estravasante entusiasmo no dia 25 de junho de 1925” (SOUZA, 1981, p. 220).

O Circulo Operário São José, fora criado com orientação pautada nos princípios da Igreja Católica, a mesma tinha como meta defender os operários dos ideais Socialistas. O bom comportamento devia ser executado dentro e fora da instituição, cumprindo os mandamentos religiosos, já que a Igreja se posicionava de lado oposto a vícios do tipo jogos de azar.

De acordo com Paula Rejane Fernandes, a qual trabalha com o jornal O Mossoroense, no estado do Rio Grande do Norte, sobre os jogos de azar, Os jogos de azar serão considerados práticas sociais de índole desviante atribuído apenas a pessoas desocupadas, vagabundas que não buscam nada para fazer, e nisso insistem em perturbar a paz, a ordem e provocar transtornos em espaços públicos e na família. (FERNANDES, 2010,). Se for citação tem que ter aspas ou se separar do texto

Com isso os jogos de azar representam um ato rejeitado pela sociedade e principalmente pela Igreja Católica, pois são capazes de desviar as pessoas da boa conduta e dos bons princípios. Percebemos então que algumas práticas e regras referentes à Igreja Católica perpassam os limites paraibanos e se estendem por todo o Brasil e com isso a influência da Igreja sobre as sociedades ganha mais força.

Notoriamente, as cidades do interior também vivenciam esses momentos de modernidade e de influencia da Igreja Católica, através disso podemos perceber em Cajazeiras a modernidade contada através das inúmeras edições da Revista Flor de Liz, por ser um periódico pertencente à ação social católica, fazia parte de um projeto que falava de diversos temas interessantes para a comunidade feminina e para a sociedade. Sempre pautada nos princípios da Igreja Católica que se mostrava influenciadora de comportamentos e hábitos.

1.3- A imprensa em Cajazeiras: Fonte de divulgação sobre a modernidade.

Durante muito tempo foi quase inexistente o trabalho com jornais e revistas como fonte para pesquisa da história brasileira. A partir da Escola dos Annales

houve muitas mudanças e direcionamentos para o historiador, introduzindo-se novas abordagens e novos objetos.

Dentre essas abordagens encontram-se os periódicos, uma vez que muitos foram utilizados como símbolo de luta e meio de inserção de sujeitos que conseguiram sair do anonimato e promover mudanças marcantes na imprensa e na sociedade.

De acordo com Luca (2006), há uma grande diversidade de temáticas historiográficas, porém poucas utilizam os periódicos como fonte de pesquisa. Outro campo que se caracteriza como um dos campos mais dinâmicos é o de estudo de gênero, que hoje se responsabiliza por um grande número de trabalhos acadêmicos.

Alômia Abrantes da Silva, em sua dissertação de mestrado, intitulada: *As escritas femininas e os femininos inscritos: Imagens de mulheres na imprensa parahybana dos anos 20*, trabalha as construções a cerca da imagem feminina, em jornais como (A União, O Educador) e revista (Era Nova), em uma época de transitoriedade entre o tradicional e o moderno, analisa os discursos que se instauravam na sociedade devido às mudanças no comportamento feminino e os perigos representados pelos símbolos modernos e conseqüentemente pelas mulheres.

Nesse momento de transitoriedade, a década de 20, por meio da imprensa anuncia um novo tempo principalmente para as mulheres, trazendo-as como personagens e como escritoras em diversos periódicos. Para SILVA (2000),

A imprensa, através das condutas femininas e das relações entre os gêneros, publiciza as sombras da cidade, seus miasmas, seus desvios, como medida que ao mesmo tempo em que a libera de uma imagem disciplinar, a esta a remete, como dispositivo de prevenção e controle que visa conduzir a ordem tanto a imagem feminina como a imagem urbana. (SILVA, 2000, p.37).

Paulatinamente, passando a ocupar esses lugares, que antes eram permitidos apenas para os homens, as mulheres conseqüentemente passam a ser vistas como perigo, e algumas condutas exercidas por elas, são criticadas, pois podem influenciar o comportamento das demais mulheres na sociedade.

Ainda para a autora a suposta ameaça feminina analisada pela sociedade paraibana na década de 1920 se tornava presente na imprensa Parahybana, uma vez, que eram vários os artigos que falavam com desconforto sobre as mudanças e rupturas para os lugares femininos. “Os discursos que nomeiam a cidade como lugar de pluralidade são os mesmos que colocam para o feminino a possibilidade de deslocamentos, incluindo o trânsito entre os espaços tidos como público e privado, com suas configurações próprias”. (SILVA, 2000, p.31).

Esses discursos perpassam as fronteiras e segue também para o sertão paraibano, e nas cidades interioranas, como Cajazeiras as mulheres transitam nos espaços públicos e privados por meio da imprensa escrita.

Em Cajazeiras, a sociedade foi abordada por vários jornais e diversos meios de divulgação, cabe-nos ressaltar aqui a Revista Flor de Liz, uma revista da Ação Social Católica, escrita por mulheres em um contexto de mudanças e transformações no interior da Paraíba. Um dos nossos objetivos foi investigar os principais objetivos dessas mulheres ao usarem a imprensa para a difusão de tantos conteúdos e informações. “Essas mulheres do passado deixaram suas marcas, deram testemunho de que existiram e atuaram, bordando seus nomes na história cultural da imprensa paraibana”. (SALES, 2005. p.137).

Exercendo essa imprensa cajazeirense uma importante função social e cultural, permitiu que essas mulheres aos poucos fossem elaborando táticas para se inserirem na sociedade, ainda que fosse uma participação restrita. Para aquele período já era notório à astúcia feminina na luta para conquistar um lugar em meio ao público, tendo na imprensa o principal difusor para tal propósito.

Na busca de destacar o poder e a participação da mulher paraibana na imprensa, foram inúmeros os assuntos apresentados e trabalhados pelas mulheres da ação social católica, trazendo sempre temáticas pautadas tanto na comunidade cajazeirense quanto na sociedade brasileira. Assuntos que demonstram parte do comportamento e da memória de uma época fervorosa para a cidade de Cajazeiras.

Para Sales (2005), A prática social de escrever na imprensa foi uma manifestação histórica da expressão pública feminina na luta pela liberdade de

informação, sinalizando que as mulheres também formaram uma opinião própria e divulgaram suas ideias, produzindo outros rendados históricos no tear de papel.

Na tentativa de levar informações as demais conterrâneas, nota-se nessas mulheres e nas suas atitudes a luta pela liberdade de expressão, mesmo que ainda camuflada, pois a grande parte da sociedade sempre esteve contra o alcance desses direitos, com isso muitas eram vistas como perigo para a sociedade, pois temiam que elas partissem para o público e esquecessem o espaço interno do lar. Por isso, muitos grupos femininos que tiveram acesso a imprensa, como as mulheres da ação católica de Cajazeiras utilizavam esse espaço de forma astuciosa, ou seja, mesmo elencando o lar como o espaço primeiro da mulher, elas não deixavam de frisar a importância da mulher para os homens, para a sociedade e para o mundo, eles também dependiam dela.

Fora da ordem religiosa, a razão de ser da mulher – é o lar. Irmã, filha, mãe, esposa, tem sua grande função, sua nobre investidura no lar, como o sacerdote ao pé do altar. Podemos dizer mesmo que nós somos os nossos lares. O que formos nós são elles. Nós que vivemos ao pé da lareira ou dos berços, nós que embalamos o destino do mundo, nós cujo coração a providencia fez de solicitude e ternura, nós cuja alma Deus fez de arminho, nós podemos fazer nossa própria felicidade, tirando de nós mesmas a doçura de viver, como as abelhas, simplesmente com a compreensão dessa grande verdade: - a mulher é o lar.(FLOR DE LIZ, abril, 1927).

A imprensa é um espaço privilegiado para dar visibilidade à participação ativa da mulher na história, um autêntico exercício de cidadania, um meio de ultrapassar a fronteira da esfera privada do lar para o espaço público. Uma história que elas encontraram dentro de si próprias os meios para lutar contra sua exclusão da vida literária e cultural, descortinando novos horizontes para o universo feminino. (SALES, 2005, p. 136).

E aos poucos essas mulheres vão desenvolvendo mecanismos e astúcias com o objetivo de se inserirem na sociedade de forma ativa, pois de acordo com Alômia Abrantes Silva (2010), na década de 1920, evidencia-se um número representativo de escritoras pelas páginas dos periódicos, além de uma crescente abordagem sobre temas relacionados ao que se considerava de interesse

feminino, bem como críticas e crônicas cotidianas que tocam temas relativos às relações entre homens e mulheres.

Nesse discurso, notamos que inúmeros temas presentes na sociedade ganharam destaques nas várias edições da Revista Flor de Liz, com isso há uma idealização social de como deve ser a conduta da mulher perante a sociedade.

O nascimento de uma flor no interior do sertão pôde promover diversos discursos a respeito dos espaços ocupados pelas mulheres, a maioria sempre atrelada à influência da Igreja e do Estado, mas esses órgãos não impossibilitavam suas atuações e difusões, realizadas por meio da imprensa, na tentativa de haver uma maior participação na vida pública e social.

Capítulo 2- Mulheres e escritas de si: Uma breve história sobre as Revistas Femininas na Paraíba.

Não se podiam implantar valores novos sem que os antigos fossem questionados. Não se podia penetrar em mundo de dominação masculina sem reassumi-lo para que fosse modificado. Era necessário deixar um pouco de lado os alfinetes e os bordados que impregnavam a vida feminina e tentar tecer outros rendados históricos em busca de certos ideais. (SIQUEIRA, apud, SALES, 2005, p. 135).

2. 1. A imprensa Paraibana e feminina da década de 1920.

Para Silva (2010), a passagem do século XIX para o XX, trouxe consigo algumas mulheres que principiaram um espaço que ainda lhes era estranho e desconhecido, o da escrita. Não qualquer escrita, mas sim, aquelas escritas em espaços públicos que antes eram interditas ao mundo das mulheres.

Nesse contexto, inúmeras publicações serão levadas à sociedade e marcará a presença da mulher em novos espaços sociais, como a imprensa, antes limitada apenas para o homem e conseqüentemente elas perdem o anonimato aventurando-se em novos espaços.

Em uma sociedade marcada pelo modelo patriarcal, repleta de preconceitos perante a mulher, arriscar-se no território da escrita requer informação e astúcia para conseguir ocupar o papel estabelecido pela sociedade, na qual a mulher deveria possuir moral e bons costumes para nunca se desviar dos preceitos estabelecidos pela sociedade.

Sobre a questão do modelo patriarcal, Rosemere Santana em sua dissertação sobre os raptos consentidos na Paraíba no final do Império e início da República, afirma,

(...) O patriarcalismo representa algumas questões de uma sociedade pautada em conceitos morais rígidos, comandados pela figura masculina do pai. Esses conceitos não representavam toda a sociedade, mas também não estavam distantes das classes pobres. (SANTANA, 2008, p.34).

Com isso nota-se as regras e as condutas rígidas pautadas em torno da mulher para que se praticasse os bons comportamentos perante a sociedade, obedecendo principalmente os dogmas cristãos.

Esses preceitos morais também indicavam quais leituras poderiam ser permitidas para as mulheres. O hábito pela leitura sempre esteve presente na vida social da Elite Brasileira, com a Paraíba não podia ser diferente, foram inúmeras as publicações de jornais que circularam na Paraíba no início do século XX. Suzana Queiroga da Costa em sua Dissertação de Mestrado, intitulada: *Jornal e Imprensa como fonte de informação e memória da produção editorial paraibana no Século XX (1912 a 1942)*, a autora afirma que: A divulgação da produção literária da época é característica do jornal <<A Imprensa>> no qual divulgava os livros, em especial, nas colunas *Bibliographia, Livros e Livros Novos* representando assim as práticas culturais e editoriais da sociedade paraibana. (COSTA, 2011, p.34). Percebemos com isso, que a sociedade paraibana era sempre representada no jornal, como também sua cultura e suas influências. Ganhava destaque no jornal, romances, folhetins, além dos interesses políticos, os literários também mereciam destaque.

A autora também justifica a importância de se utilizar o jornal como fonte de pesquisa. Contudo estudar o jornal *A Imprensa*, tem como objetivo.

Compreender suas tramas é percebê-lo enquanto veículo de informação e memória da produção editorial paraibana, possibilitando desse modo compreender os meandros da produção, circulação e divulgação de obras e seus respectivos autores, numa relação dialética entre o local e o nacional. (COSTA, 2011, p. 05).

Contudo o espaço da escrita não se restringe apenas ao universo masculino, havendo na Paraíba inúmeros periódicos inscritos por mulheres, que saíram do anonimato e buscaram seus interesses sociais e culturais.

Falar da presença e participação feminina, na imprensa da Paraíba no começo do século XX, é contar uma história desafiadora, porque aqui, como em outros estados do Brasil, a história da inserção da mulher no espaço público é uma história repleta de preconceitos, de repressão e censura (SALES, 2005, p. 136).

Foram inúmeras as publicações impressas na Paraíba, remetemo-nos aqui a Revista Era Nova, que trás a tona inúmeras mulheres que perdem o anonimato antes reservadas apenas aos seus lares lançam-se na sociedade através de mecanismos realizados por elas próprias para se inserirem na sociedade, pesquisas como essas realizadas por Alômia Abrantes Silva (essa frase está sem complemento). Com a modernização advinda na década de 20, na Paraíba uma das revistas pioneiras na escrita feminina, foi fundada por Severino Lucena em 27 de março de 1921, na cidade de Bananeiras com edições quinzenais, logo passou a ser editada na Parahyba do Norte e teve apoio de muitos intelectuais, mas teve o seu término no ano de 1926. Editada e publicada com diversos temas presentes na sociedade paraibana e brasileira.

Papel couché, muitas fotografias, a maioria delas de jovens pertencentes à boa “sociedade”, inclusive tendo quase sempre uma delas ornando a capa da Revista. Sutilezas na diagramação, como tipos de letras diferentes, um pouco de cor, pequenos detalhes como laços, flores, decorando as bordas das páginas e retratos. Toques de delicadeza e elegância que se constituíam como signos de requinte e cuidado, comumente atribuídos ao gosto feminino. (SILVA, 2010, p.92).

Notamos através dessa descrição acerca da Revista Era Nova que o público alvo para a comercialização da revista eram as mulheres. Pois ainda continua a autora:

Não há dúvidas de que a Era Nova intencionalmente procurava cativar este público, o que vai se confirmando nas cartas de leitoras elogiando e fazendo sugestões, nas fotos publicadas que trazem inclusive uma dedicatória aos editores, nos textos de seções permanentes assinados por mulheres. Entre os nomes que figuravam na autoria desses textos estão Eudésia Vieira e Analice Caldas. Cada uma ao seu estilo imprime marcas de suas percepções sobre o feminino e a relação entre este e o masculino. (SILVA, 2011, p.93).

Nesse contexto social a revista Era Nova de 15 de fevereiro de 1922, em uma de suas colunas, faz uma crítica a alguns costumes da sociedade, que considerava um verdadeiro desrespeito para com os códigos de moral tradicional. Um dos problemas era o mau hábito de algumas jovens que utilizavam de forma errada os cinemas (SOUZA, 2009, p. 79). Há nesse momento grande preocupação de alguns colunistas com a moral das moças de família que frequentavam os cinemas, temendo o que elas podiam fazer dentro da sala

escura, com isso os símbolos do moderno eram desprestigiados, pois em muitos lugares o cinema funcionou com local de encontros amorosos entre jovens, inclusive em Campina Grande, e isso era uma preocupação social com as moças relatadas pela Revista Era Nova.

Nessa perspectiva Wanderley (2010), cita um dos artigos da Era Nova, diz que as festas também marcavam a sociabilidade, reforçando os laços intragrupais, bem como servia de meio para se recrutar elementos para a recomposição da elite. Essas festas ratificam e dinamizam posições. Por isso mesmo era tão noticiada na Era Nova. Um exemplo disso foi o enlace matrimonial de Solon de Lucena, chefe do governo, onde uma lista de convidados ilustres se fazia presente na coluna social. Tendo como objetivo maior contribuir para o desenvolvimento literário e intelectual da sociedade a revista Era Nova também possuía espaço dedicado a educação, relatando diversos assuntos em uma coluna chamada Página Feminina, tendo a maioria de seus artigos escritos por professoras.

E em Cajazeiras, a revista flor de Liz também abordava o tema cinema, em uma de suas edições o cinema era relatado como má influencia, pois transmitia modas consideradas imorais como a questão da dança e das roupas curtas ou sem mangas e nisso a Igreja tentava livrar as mulheres católicas desses ícones considerados perigosos para elas.

Com relação aos eventos que animavam a cidade de Cajazeiras na década de 20, podemos citar os jogos de campeonato de futebol, que aconteciam nos finais de semana marcando o encontro, o divertimento e a alegria das pessoas.

Devido a Era Nova promover grande repercussão na imprensa escrita, paulatinamente às práticas de leituras se expandiram por toda a Paraíba, a cidade de Cajazeiras contou com uma série de publicações na imprensa escrita no início do século XX, mais precisamente na década de 20, de acordo com Souza (1981), são eles:

1º Jornal- *A ALVORADA*, tendo como diretor Dr. Cristiano Cartaxo e como redator Emídio Assis. Esse periódico abordava diversos assuntos sociais,

trazendo reportagens, notícias policiais, principalmente grande nomes da elite cajazeirense.

2º Jornal- *PÁTRIA JORNAL*, Tendo como diretor Júlio Moésia Rolim.

3º Jornal- *O RIO DO PEIXE*, Órgão independente, literário e noticioso... Circulava semanalmente às quinta-feiras.

4º Jornal- *O REBATE*, Jornal político... Circulava aos sábados.

5º Jornal- *O SPORT*, Jornal semanário de circulação aos domingos... Defendendo os interesses do esportismo local.

FLOR DE LIZ- Revista, dentro dessa mesma década, 1926, circulou, em Cajazeiras, a revista mensal ilustrada.

Assim a imprensa paraibana também era responsável por propagar valores (SANTANA, 2006, p.64), e com isso além de transmitir notícias e informações para os demais membros da sociedade, também influenciava comportamentos e levava para dentro da casa do leitor uma série de bons hábitos que deveriam ser praticados e seguidos principalmente pelas mulheres.

2.2- Uma breve abordagem sobre as mulheres escritoras na Paraíba: Analice Caldas e Eudésia Vieira.

Foram inúmeras as publicações de mulheres na Paraíba, esses escritos eram tidos como exemplo de cultura e difusão de ideias, merecendo destaque também suas autoras, por aceitarem o desafio e se arriscarem em um novo território, o da escrita.

Essas pioneiras tiveram que enfrentar muitos preconceitos por escolherem o mundo da literatura como cenário de suas lutas políticas, fazendo da palavra, seja através de romance, livros didáticos ou livros de poesias, instrumentos mediadores para socializarem outras possibilidades para o ser mulher. Resgatar romances, livros didáticos ou livro de poesias do esquecimento é um gesto político de resistência pelo qual se pode comprovar a paixão secular dessas mulheres pelo conhecimento, pelo desejo de saber, de reinventar a vida, alterando a previsibilidade da

ordem estabelecida, trazendo o indispensável questionamento dos preconceitos sociais. (SALES, 2005, p.45).

Podemos perceber que ao longo da história paraibana, inúmeras mulheres fizeram parte da história escrita, ocupando tanto o lugar de sujeito quanto de autoras. Muitas enfrentaram o preconceito da sociedade, mas conseguiram se inserir nesse espaço resgatando e promovendo conhecimento e cultura por meio da escrita. Abordaremos aqui algumas dessas mulheres escritoras e suas trajetórias na luta pela inserção social.

Favianni da Silva, em sua Dissertação de mestrado intitulada: *A Eva do século XX: Analice Caldas e outras educadoras – 1891/1945*, trabalha a trajetória de Analice Caldas e sua atuação na sociedade, justificando.

A história de Analice Caldas me chamou atenção por ter sido ao seu tempo, uma pessoa bastante influente no universo intelectual paraibano. Porém, quem de fato teria sido essa mulher? O interesse por sua história aumentou na medida em que vou descobrindo que além de professora, também havia sido, uma árdua defensora das idéias feministas ao seu tempo, no papel de sócia fundadora da *Associação Parahybana pelo Progresso Feminino* (SILVA, 2007, p.34).

Sendo uma mulher educada e instruída, Analice foi formada na Escola Normal e conciliava a carreira de educadora lecionando por muitos anos e de feminista, sendo sócia fundadora da Associação Parahybana pelo Progresso Feminino no cargo de bibliotecária.

A APPF teve participação ativa na imprensa, com publicações quinzenais no Jornal A União, mas teve o início do seu declínio no ano de 1937. Sobre isso SILVA (2007), afirma: A APPF teve vida relativamente longa, perpassou a década de 1930 e parte da década de 1940, atuando intensamente até 1937, época em que começava a perder gradativamente o espaço na imprensa oficial, a coluna quinzenal “Página Feminina”, publicadas no jornal A UNIÃO. O golpe dado por Getúlio Vargas e a instalação do “estado de exceção” impuseram forte censura na mídia impressa, diminuindo o espaço a conteúdos políticos alheios aos então estabelecidos pelo Estado Novo. (SILVA, 2007, p. 62).

E ainda.

Tendo a APPF, o objetivo assistencialista e com ideais feministas Analice junto com as outras mulheres pertencentes à Associação propunham novas ideias. “Analice Caldas e tantas outras mulheres de sua época se propuseram a defender ideais como: a

elevação do nível de instrução feminina, proteção materna e da infância, obtenção de garantias para o trabalho feminino, estímulo ao interesse da mulher nas questões sociais, assegurar os direitos políticos para as mulheres, e o preparo educacional para o exercício da inteligência". (A UNIÃO, *apud* SILVA, 2007, p63).

Percebemos então que todos os interesses se referiam à mulher, na tentativa de alcançar os direitos almejados pelas feministas e conscientizar as demais que as mulheres necessitam ter o seu valor, inclusive atuando ativamente na sociedade.

Pela formação intelectual, militância feminista e suas ideias assistencialistas, Analice ganhou destaque na Paraíba, por se mostrar uma mulher à frente de seu tempo, preferia os ideais de conquista ao invés do casamento, como a maioria das mulheres paraibanas daquele período almejavam.

Além de Analice Caldas outras mulheres também se destacaram nessa jornada, como Eudésia Vieira, sendo considerada uma das primeiras mulheres paraibanas a conseguir publicar um livro, devido à sociedade que observava com preconceito a capacidade feminina.

Eudésia Vieira ocupava várias funções na sociedade, como: esposa, mãe, professora, autora, pesquisadora e após alguns anos cursou a faculdade de medicina, tornando-se uma médica prestigiada. Ela também contribuiu com publicações em outros periódicos paraibanos e de outros estados. Para SALES (2005), Eudésia em 1922, também colabora com artigos e poemas para as Revista Era Nova e Flor de Liz; e para os jornais: A União, A Imprensa, A Gazeta do Recife e outros.

As múltiplas atividades que exercia como escritora, professora, historiadora, poetisa e jornalista, provavelmente contribuíram para que ela fosse à primeira mulher a tornar-se sócia do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. Além da vocação para a pesquisa Eudésia ainda realiza outro sonho, o de entrar para a faculdade de Medicina. Nisso ela prosseguiu sua carreira, mostrando grande interesse e preocupação por aquelas pessoas que não tinham tantas condições financeiras, transmitindo seus ensinamentos médicos a parteiras, para

que pudessem acompanhar as grávidas da periferia no pré-natal. Sendo exemplo de mulher que batalhava pelas condições políticas e sociais.

Com isso Eudésia Vieira passa a representar perante a sociedade uma mulher com múltiplas funções ativas, episódio incomum para tantas outras mulheres e por meio disso, a autora aborda alguns estereótipos comparativos para as mulheres entre eles o de Eva e Joana D'arc.

(...) O tipo defendido por Eudésia Vieira é uma espécie de síntese. Semelhante à Eva que (...) aparece criada a partir de todos os elementos naturais presentes no paraíso, Joana sintetiza toda a positividade do mundo moderno. Positividade masculina, pois como já percebemos ao feminino permanece até então o sentido de negatividade. Positividade da racionalidade, do autocontrole, do comedimento, da disciplina. (SILVA, 2000, p.77).

Nesse contexto a Eva, assim como na narrativa bíblica, tem a função de corresponder ao desejo de Adão e com isso se torna o desejo expressado pelo masculino, pois a mulher é vista como extensão do corpo masculino. Com a importância atribuída ao papel feminino a Joana D'arc pode representar a mulher moderna, capaz de racionalizar a cerca dos papéis e funções propostas para a mulher como é o caso da maternidade e nisso consiga romper os limites domésticos e se manter ativa na sociedade pela sua força e poder. Propagando com isso as ideias feministas.

Através desses discursos essas escritoras ficaram conhecidas, principalmente nas páginas da Revista Era Nova, enfrentando preconceitos e elaborando identidades a cerca do papel feminino na sociedade.

2.3- FLOR DE LIZ: O perfil da Flor do Sertão

Na década de 20, a modernidade era representada em Campina Grande nas páginas da Revista Era Nova. Em Cajazeiras a modernidade se encontrava na Revista Flor de Liz. Uma revista ilustrada de circulação mensal, produzida pela Ação Social Católica Feminina e apresentava como marca maior a presença da mulher paraibana, falando sobre uma ampla variedade de temas.

A revista Flor de Liz, criada no dia 25 de dezembro de 1926, circulou na cidade de Cajazeiras até 1937, por ser um periódico que estava na moda devido aos símbolos do moderno que se instalavam em Cajazeiras, as autoras objetivavam vincular ideias para levar informações às demais conterrâneas. Diante disso as autoras sabiam justificar e defender suas escolhas para a revista.

FLOR DE LIZ, defendendo, como defendo a causa de Deus e o avanço da civilização, a de preparar um ambiente puro, onde haja muito ar, e brilhe muita luz um meio em que os sentimentos de sociabilidade do sertanejo se aperfeiçoem, a imprensa encontre um novo campo, a mocidade beba mais ideias, a mulher ache um novo escudo para suas aspirações e Deus corações onde viva, reine e impere. (Revista Flor de Liz 1927).

E ainda:

FLOR DE LIZ há de crescer muito, há de realizar um paradoxo, pelo menos na historia da parahyba, porque será a vanguarda de um movimento de progresso partindo dos sertões para o litoral. (Revista Flor de Liz 1927).

Para o nome da Revista, de acordo com Sales (2005), “O título escolhido pelas mulheres para a revista é revelador da influência da cultura europeia, especialmente a francesa, uma vez que a flor de Liz é um ícone, historicamente, ligado à nobreza da França” (SALES, 2005, p.139). E ainda continua a autora,

A flor de Liz era vista como símbolo de poder, cultura educação. Aparece nas armas de várias famílias da nobreza em toda a Europa Ocidental. A flor de Liz veio da Inglaterra quando Eduardo III, em 1337, reivindicou o trono da França e colocou, em seu brasão, quartéis com os leões ingleses e as flores de lis francesas. Esse brasão real inglês se manteve até 1801. A tradição diz que Clóvis Rei dos Francos, (fundador da 1ª dinastia real francesa, a Merovíngia, no séc. V, d.C.) recebeu a flor de lis como presente divino por sua conversão ao catolicismo em 496. Por isso, o desenho da flor de Lis aparece encravado em inúmeras igrejas católicas do mundo, inclusive do Brasil. (CHEVALIER e GHEERBRANT, apud, SALES, 2005, p.139-140).

Percebemos com isso que havia uma grande influência dos ditames franceses na formação intelectual das mulheres que compunham a Flor de Liz e conseqüentemente as que compunham a sociedade cajazeirense na década de 1920. Esses costumes franceses eram relatados em várias crônicas presentes na revista, como símbolo de cultura e de modernidade. Por exemplo: A moda dos

cabelos cortados curtinhos, na crônica, “cabellos a lá garçonne”, em que Cynthia Mendonça Mattos exprime a satisfação das mulheres em conseguirem acompanhar a moda:

Passará a moda?

Talvez não, pois até agora só há tendências para mais curtos, apesar de já nos virem chegando aos ouvidos a notícia de que em Paris- capital da moda, < á la garçonne> não está bem firme...Mas isto nada quer dizer, principalmente para nós, que estamos bem longe das terras de França. (FLOR DE LIZ, abril, 1927).

Em suas edições, a Flor de Liz contou com um grupo de mulheres que lutaram pelos seus ideais de liberdade e participação ativa na sociedade, uma vez que a participação era de forma limitada, pois a própria revista reforça o lugar da mulher sempre atrelado ao lar.

Dentre as mulheres que compunham a redação da Flor de Liz, merecem destaque: Odília Leal (presidente), Izabel Salles Cartaxo (1ª vice-presidente), Aline Rolim Cartaxo (2ª vice-presidente), Rosa Mendes Tavares (secretária), Cynthia Mendonça Mattos (vice secretária), Maria Assis Ramalho (tesoureira), Victória Bezerra de Mello (vice tesoureira).

A revista abordava vários temas, inclusive os símbolos modernos que se manifestavam nos grandes centros e as cidades interioranas tentavam acompanhar, dentre eles podemos ressaltar: Moda, família, arte, religião, liberdade, culinária, atualidades do mundo social como o divórcio e de demais temas que fossem de interesse da sociedade, mas o grande foco da Revista sempre estava remetido a Religião.

Percebemos nesse período que havia uma dualidade em torno da Flor de Liz, pois ao mesmo tempo em que as autoras propagavam os símbolos modernos como: as novidades da moda, do cinema, das roupas, dos cortes de cabelos, notamos que nesse mesmo contexto havia imposições do tradicionalismo para reforçar o lugar social que pertencia à mulher que era sempre o espaço interno do lar, da mulher enquanto dona de casa. Esse discurso era reforçado tanto pela sociedade quanto pelas próprias mulheres.

Ao longo da pesquisa notamos que a Flor de Liz era uma revista destinada a elite cajazeirense, uma vez que em todos os seus artigos, as pessoas citadas eram pessoas influentes na sociedade, pessoas que exerciam algum cargo importante, quer fosse na política, no comércio, na educação, quer fosse na religião, na tentativa de influenciar os hábitos cristãos aos demais moradores. Grande parte desses nomes citados pela revista, encontramos nos dias atuais, representando nomes de ruas, escolas ou outras repartições existentes em Cajazeiras. Talvez nesse momento o sobrenome fosse mais significativo e ganhasse mais destaque do que o próprio nome.

Em todas as edições da Flor de Liz, havia sempre no início a frase: “Com permissão da autoridade Diocesana”, mostrando a influência católica na revista. A revista sempre trazia inovações, mas também algumas colunas fixas presentes em quase todas as edições, as quais podemos citar:

O Lar, um romance de Paulo Keller, traduzido por Justino Mendes. Nessa coluna havia a narração de inúmeras histórias.¹ Como exemplo relataremos a sua primeira edição, em abril de 1927. A história se trata do assassinato de uma franga, tendo como principal suspeito o cão que na ocasião se chamava fidalgo, após o incidente o mesmo foge, deixando duas crianças, Henrique e João, raivosos e aborrecidos a sua procura. Nesse momento eles têm a ideia de fazer o enterro da franga, sendo Henrique o padre que fará toda a encomenda do corpo da pobre vítima, João exercerá a função de coveiro. Para o cortejo ficar ainda mais semelhante com a realidade convidaram as amigas Lena, Carlota e Elisa para chorarem e cantarem. As crianças fizeram o caixão com uma caixa de charuto e seguem em direção a um local escolhido onde irão realizar o enterro.

Essa história é relatada na primeira parte, tendo suas continuações nas publicações posteriores.

Variedades era o lugar destinado às dicas domésticas, receitas caseiras.²

¹ ver anexo 1.

² Ver anexo 2.

Notas Elegantes, nesse local eram registrados os aniversários, casamentos, falecimentos, batizados, noivados da elite cajazeirense e até as visitas importantes a Cajazeiras.³

Palavras Cruzadas, esse era um momento de descontração para as leitoras, percebemos que a estrutura do desenho era sempre delicado, direcionado para as mulheres. As cruzadinhas abrangia uma ampla diversidade de temas.⁴

Textos de educação moral e social direcionados ao comportamento feminino e a preservação dos bons hábitos e costumes.⁵ A exemplo temos A Educação, um artigo que relata a maneira apropriada para as mães criarem e educarem seus filhos, sempre pautados nos princípios da Igreja Católica. Mostrando com isso a importância da educação e dos bons ensinamentos para as crianças e conseqüentemente para a família.

Propagandas comerciais, nas páginas da Flor de Liz havia a divulgação de diversos produtos, entre eles: Pharmácia Hygino Rolim, Photographia Modelo, Elixir de Nogueira, entre outros.⁶ Esses serviços se dirigiam a sociedade em geral, com as propagandas os comerciantes tinham o intuito de vender uma maior quantidade de produtos e se destacar e diferenciar entre os demais negociantes.

A Moda tinha presença garantida nas páginas da revista, pois com as tendências francesas e dos grandes centros urbanos, as mulheres interioranas tentavam acompanhar tais mudanças.⁷ Mudanças essas relacionadas aos cabelos, as roupas mais curtas e decotadas, as tendências de roupas que as mulheres das capitais vestiam, e ao próprio comportamento.

Outro momento fundamental se fazia presente era a publicação de orações, ou mesmo homenagens a santos de devoção, padres e bispos e ainda eram homenageados homens importantes para a cidade de Cajazeiras.⁸

³ Ver anexo 3.

⁴ Ver anexo 4.

⁵ Ver anexo 5.

⁶ Ver anexo 6.

⁷ Ver anexo 7.

⁸ Ver anexo 8.

As prendas domésticas também se faziam presentes, mostrando e ensinando técnicas domésticas às mulheres, como crochê, tricô, receitas, dicas domésticas entre outros.⁹

A revista Flor de Liz está sempre pautada no discurso em torno das mulheres, reforçando os lugares ocupados por elas nesse mundo doméstico que se deve manter distante das ideias feministas, pois o lugar destinado para a mulher é o local de esposa, mãe. Participação ativa na sociedade, apenas de maneira limitada, pois o ideal da revista é reforçar esse espaço ocupado pelas mulheres que deve ser sempre restrito ao lar.

Sendo esse espaço feminino controlado por um conjunto de estratégias nas relações de poder, percebemos o que Certeau chama de táticas, elaboradas pelas mulheres da Revista Flor de Liz, em que utilizavam o espaço público da imprensa, com a intenção de mostrar sua opinião em meio a uma sociedade que passava por transformações e repensavam nesse momento quais os lugares que se estavam construindo para essas mulheres.

⁹ Ver anexo 9.

3. Mulheres escritoras na Revista Flor de Liz.

3.1. A Escola Normal Cajazeirense e a formação feminina nos discursos da Flor de Liz.

A História da Educação, como disciplina, nasce no final do século XIX, nas Escolas Normais e nos cursos de formação de professores. No Brasil a História da Educação está associada à Escola Normal. (ALBUQUERQUE, 2010, p. 21-22). Com isso, se faz notória a presença nas escolas normais, para educação e formação feminina, na tentativa de se instruírem professoras para o ensino primário e público, pois no Brasil, paulatinamente se intensificava a demanda por professores, aumentando o fluxo de mulheres no magistério. O fato é que a maioria das mulheres que conseguiam adentrar nas escolas normais era de famílias com posses, pois as mulheres mais pobres não tinham tantas oportunidades de estudo, já que necessitavam trabalhar para ajudar no sustento da casa, ficando assim a aprendizagem escolar e formação profissional para outras ocasiões. Nisso a maioria das instituições com cursos normais eram frequentadas pelas moças mais ricas.

Com relação à Escola Normal, Desde sua criação, já se apontava para a necessidade de educação da mulher, associando a modernização da sociedade, a higienização da família, à construção da cidadania dos jovens, objetivando rapidamente formar um quadro de professores qualificados para difusão do ensino. (MELLO, apud, SILVA, 2007, p. 52). (...) Com o tempo, a escola normal foi consolidando seu papel de preparar um corpo de possíveis profissionais “vocacionados” para o trabalho de ensinar as primeiras letras, constituindo uma ponte entre os estreitos limites da vida doméstica e o mundo exterior, preferencialmente para as mulheres pertencentes às camadas mais abastadas da população. (SILVA, 2007, p.53).

Sendo o magistério um excelente caminho para o mundo além do espaço doméstico, contudo a instrução feminina na maioria dos casos não era proibida, pois para a mulher se fazia interessante o estudo até chegar o momento do casamento, com isso essa instrução apreendida, seria utilizada com o marido os filhos no espaço doméstico.

(...) de forma que o lar e o bem-estar do marido e dos filhos fossem beneficiados por essa instrução (...) Assim as mulheres poderiam e deveriam ser educadas e instruídas, era importante que exercessem uma profissão — o magistério — e colaborassem na formação de diretrizes básicas da escolarização manter-se-iam sob a liderança masculina (ALMEIDA, *apud*, SILVA 2007, p. 53).

É importante considerar os discursos que existiam em torno da instrução feminina. Como o que propagava Na Revista Flor de Liz, a escritora Regina F Real descreve em um artigo acerca das vantagens para uma moça instruir-se. No qual descreve a importância e os limites dessa instrução.

De tudo que aprendemos fica-nos sempre alguma coisa de que, cedo ou tarde, tiramos proveito. A leitura de livros bons e trabalhos profundos e instructivos auxilia a formação do carácter e o espírito de crítica; este é essencial em proveito próprio, porque quem se conhece e sabe compreender o que pode e deve ler tem por assim dizer, a inteligência libertada (...) Só no estudo é que a vida se torna interessante, do contrário a monotonia das horas e dos dias leva-nos ao aborrecimento e talvez á neurasthenia. (FLOR DE LIZ, 1927).

Para a autora do artigo, para se conhecer os mistérios da vida, as diversas ideias e o progresso da ciência, é necessária a prática da leitura, mas apenas nos livros que fossem permitidos e instruídos para as mulheres. Aparentemente notamos que as mulheres possuíam nesse período acesso a alguns livros e revistas e principalmente carregavam consigo as memórias de leitura da infância quando muitas vezes as mães narravam histórias de contos de fadas para as crianças. Ao se tornarem moças elas se dedicavam a leitura e interpretação dos livros estabelecidos pelas escolas, havendo nesse momento uma grande dedicação na leitura dos livros de Romance, como exemplo, podemos citar Iracema, Lucíola entre outros clássicos da Literatura. Vale salientar que alguns romances que falavam de sexo, por exemplo, eram proibidos e as mulheres não podiam realizar esse tipo de leitura, pois eram consideradas desviantes. Para as mulheres que frequentavam as escolas, inclusive as normais além dos livros de literatura ainda necessitavam ler bastante os livros didáticos para conseguirem abstrair o maior número de informações, ou ainda os livros pedagógicos para realização dos planos de aula e atividades relacionadas ao ensino.

De acordo com Silva (2007),

O fato é que, as mulheres, inicialmente como alunas e depois como professoras, constituíram o quadro que mais interagiu com essa instituição, tornando um espaço essencialmente feminino destinado à prática pedagógica e desencadeando o processo de profissionalização do magistério primário (...). A formação pedagógica feminina contribuiu enormemente para difusão da educação. Possibilitou, também, a oportunidade de muitas mulheres ingressarem no mercado de trabalho, muito embora, o preço pela iniciativa de trabalho consistia em abandono e condenação social por parte da sociedade. (SILVA, 2007, p. 53-54).

Com isso percebemos que os cursos normais se intensificaram cada vez mais na preparação de moças que se dispunham e tinham vocação para o magistério, sendo essa uma ótima oportunidade para as mulheres entrarem no mercado de trabalho exercendo a profissão de professora e expandindo a educação. Mostrando a partir de então a importância da instrução feminina. Uma vez que o espaço de formação do magistério ficou conhecido como espaço feminino, devido ao grande número de mulheres.

É necessário analisar os discursos que giravam em torno da escolha em ser professora, pois existia nesse momento uma grande preocupação com o matrimônio e as mulheres que não conseguiam alcançar tal proeza seguiam o ofício do magistério, nisso eram muitas vezes taxadas como feias, se tornando professoras por não conseguirem arranjar um casamento. Esse episódio foi retratado na Flor de Liz, quando Fortunata Assis, escreve um artigo intitulado: Professoras feias, e afirma:

Quero começar, afirmando que é o que mais existe. E é muito razoável, sabem por quê? Por que as bonitas casam-se cedo e, em regra geral, abandonam o magistério. Ficam, por conseguinte as feias que não se casaram, exercendo mui descansadamente o papel de professora (...). Mas, pondo em termos a pergunta pedagógica, haverá algum impecilho em ser a professora feia? Naturalmente que não. Com toda certeza, existe feia e feia. Um estafermo, uma mulher disforme, vá se conformando em ser vítima de Deus que elle um dia a poder tornar bella, no céu, ou pelo menos torne-se devota ardorosíssima de S. Vicente Ferre que talvez opere um milagre em seu favor. Uma professora assim está visto, para ensinar creanças, arrisca-se a ser objecto de ridículo no meio da petisada. E se além de feia, for também enjoada!...Ah! Então será um desastre. (FLOR DE LIZ, 1927).

Notamos que, tanto a educação, quanto o matrimônio tinham grande importância na vida de uma moça daquela época, sendo comum muitas casarem

ainda nova e de acordo com Fortunata Assis, aquelas que não se casavam, viravam professoras, para ela professoras feias, mas algumas conseguiam permanecer no magistério e ser professora, pelo mérito e dedicação. Sendo muitas ainda, rotuladas como vítima de Deus, pois necessitavam das bênçãos e compaixão dos santos, para um dia se fazerem belas ainda que fosse ao céu. Operando assim um grande milagre em benefício dessas pobres professoras expostas ao ridículo entre seus alunos, pelo fato de serem tão feias que não conseguiram um marido para lhe tirarem do ofício do magistério. As críticas ainda aumentariam se além de feia aquela professora fosse também enjoada.

Inúmeros discursos como esse estavam presentes na Flor de Liz, por ser uma Revista com orientação religiosa, escrita por mulheres da Ação Social Católica, também estavam presentes a formação religiosa e educacional, pois muitas de suas escritoras tiveram o magistério como formação e com isso apresentam uma série de artigos sobre a educação.

A Educação, nome de um artigo da Flor de Liz, mostra a importância da educação aplicada desde a infância, afirmando ser à base da sociedade:

A educação, diz sabiamente um provérbio árabe, é o diadema da criança. Quer assim dizer que o futuro, a felicidade de um menino depende, tão somente, da educação que recebeu em seus princípios. Parodiando, dizemos que a educação é o diadema da sociedade, o modelo onde Ella toma as suas formas. Li algures: a educação é tudo, Ella é o homem, a sociedade, a religião, tudo vem della, como o rio emana da fonte. (FLOR DE LIZ, 1927).

É notória nesse momento a importância da educação como instrução, iniciando-se pelas crianças e conseqüentemente transmitida para as mulheres principalmente se essa seguisse a profissão de professora ou ainda estivesse cursando o magistério. Aproveitando a deixa, Sales (2005), afirma que.

“A luta pela emancipação através dos estudos era um tema recorrente em vários periódicos feministas que se empenhavam em defender a instrução como uma das armas mais poderosas para conquistas femininas. Essa luta era reforçada pela necessidade das mães educarem seus filhos para serem bons cidadãos. Assim, para as mulheres cuidarem da organização do lar, do equilíbrio da família, instituição de base da pátria, precisavam de um certo grau de instrução.” (SALES, 2005, p.151-152).

Portanto, podemos notar, a partir da citação, a importância atribuída ao papel da mulher enquanto mãe, que é responsabilizada pela educação dos filhos e ainda tem a função de exercer os cuidados e a organização da casa e da família. E para que tudo se cumprisse como manda o figurino seria necessário uma boa dose de instrução, pois como o lar era considerado a instituição de base da pátria, cabia a mulher também está instruída para cumprir à função que lhe compete.

3.2 – A presença das Irmãs Dorotheás e sua influência na Revista Flor de Liz.

Nesse contexto faz-se necessário um breve histórico sobre a origem da formação educacional na cidade de Cajazeiras, observando a importância que representou para a cidade. Alguns trabalhos já foram publicados sobre esse tema, como o de Simone Formiga Albuquerque, em sua dissertação de mestrado, intitulada: Práticas de leitura em Cajazeiras- PB (1930-1950): Memórias de ex-professoras. A autora afirma que

A origem da História da Educação em Cajazeiras está ligada a figura do Padre Inácio de Sousa Rolim que em 1829, dava início as atividades da escolinha da serraria (local de onde se extraía a madeira usada pelos cajazeirenses para a construção de suas casas). Era uma casinha que abrigava meia dúzia de alunos. (ALBUQUERQUE, 2010, p. 31).

Paulatinamente a escolinha começava a crescer, pois jovens de outros estados adentravam a cidade em busca dos estudos conduzidos pelo padre, sendo necessário encontrar um novo lugar que abrigasse toda a demanda de alunos. Com todo esse crescimento o Padre Rolim decidiu transformar sua escola em uma instituição portadora do ensino secundário.

Após essa etapa, seria necessária a criação de uma instituição fundamentada na instrução e formação feminina e não demorou muito para que ela se efetivasse. Para Albuquerque (2010),

Com a preocupação de ministrar também educação para meninas, Padre Rolim criou uma escola particular para o sexo feminino em 1858. Era um anexo do já destacado Colégio Padre Rolim. Em 16 de agosto de 1858, o presidente Beurepaire Rohan concedeu à autorização a professora Vitória dos Santos Rolim de Albuquerque para instalar uma aula particular do ensino primário do sexo feminino, dando a Cajazeiras a primazia dessa atividade no magistério das primeiras letras, em toda a província, fato este que levou o político Alcides Carneiro a proferir a famosa afirmação: “Cajazeiras ensinou a Paraíba a ler”.(ALBUQUERQUE, 2010, p. 32).

Com isso já se tendo em mente a escolarização remetida à formação da mulher em breve seria criada a Escola Normal em Cajazeiras, e definitivamente quando D Moisés Coelho foi nomeado bispo de Cajazeiras, ele, “Reabriu o colégio Padre Rolim criando uma seção feminina para formação de professoras primárias. Era o marco inicial da Escola Normal de Cajazeiras”. (ALBUQUERQUE, 2010, p. 34).

A década de 20 e as décadas seguintes foram promissoras para Cajazeiras, pois sucedeu à formatura da primeira turma normalista da cidade, em relação a isso Albuquerque (2010), afirma: “A primeira turma concluinte de professoras do Curso Normal foi diplomada em 19 de março de 1922 e era composta de seis alunos, três do sexo masculino e três do sexo feminino”. As três alunas formadas dessa turma (Aline Cartaxo Rolim, Oscarina de Assis Coelho e Rosa Tavares de Melo), anos depois, farão parte de um projeto inovador na imprensa escrita cajazeirense, a Flor de Liz, uma revista de influência católica e escrita por mulheres.

Outro fato que também influenciou na Revista Flor de Liz foi à presença das Irmãs Dorotheás, vindas da capital do Ceará para a cidade de Cajazeiras, com o intuito de promover o funcionamento do Curso Normal, de fiscalizar as estruturas físicas e o professorado da instituição, a Congregação das Irmãs Dorotheás foram muito bem recepcionadas pela sociedade cajazeirense, inclusive pelas mulheres da Ação Social Católica, que participavam das edições da Flor de Liz, pois em alguns de seus artigos eram expostos tamanha admiração e dedicação a esse grupo religioso.

No artigo Mulheres admiráveis, as mulheres da Flor de Liz, prestigiam e comemoram essa visita.

Estará talvez, por poucos mezes, o estabelecimento das religiosas do Instituto de S Dorothea, nesta cidade. Quem conhece, de um lado, os estorvos que se levanta, cada vez mais graves, contra a educação da mulher, do outro lado, o merecimento dessas desveladas educadoras, ressaltando do progresso de todas as suas casas de educação e da afeição que captam no meio onde vivem, só pode, com nós, exultar de contentamento por essa tão auspiciosa noticia. As religiosas não são apenas mulheres que votam sua vida ao ensino, a prática da assistência caridosa; ellas são, sobretudo, grandes espelhos expostos à vista dos que ainda sentem em seus corações a attracção do bem e do bello, são exemplos vivos do sacrificio, da renuncia, sutedos da sociedade utilitarista fermentista de hoje. (FLOR DE LIZ, JULHO DE 1927).

Na década de 20, Cajazeiras se destacava como importante centro comercial e também como admirável polo educacional, devido a presença de um considerável numero de alunos das cidades e estados circunvizinhos. Com a presença das Irmãs Dorotheas, a sociedade cajazeirense se esforçou ao máximo na tentativa de que as Irmãs aceitassem o comando da Escola Normal, para introduzir na mesma as mudanças e inovações das escolas dos grandes centros urbanos.

Na Revista Flor de Liz Sinhazinha Ramalho afirma;

Posso affirmar que foi optima a impressão que as Irmãs colheram nesta cidade. Visitaram o commercio examinando preços, tomando nota, com o fim de darem um carácter inteiramente pratico a sua inspecção (...) Que maior bem Nosso senhor podia fazer em Cajazeiras? Como alumna das R Dorotheas posso attestar a perfeição de esforços, o zelo, o carinho e abnegação que cada uma dellas tem para com as alumnas. (FLOR DE LIZ, JULHO, 1927).

Nesse trecho é possível perceber a alegria e a dedicação de Sinhazinha Ramalho por ser uma alumna das Irmãs Dorotheas, e nisso em fevereiro de 1928, com uma nova visita do grupo religioso a Instituição Normal de Cajazeiras, foi confirmado que a partir de então a Escola Normal se encontrava sob o comando das Irmãs Dorotheas.

Com a instalação das Dorotheas no colégio Padre Rolim, com o passar dos tempos o seu nome foi alterado para, Colégio Nossa Senhora de Lourdes. Mais tarde perdendo o vínculo com as Dorotheas e se vinculando as Irmãs Escolares de Nossa Senhora.

A Revista Flor de Liz em muitas de suas edições prestigia a influência do magistério em Cajazeiras, devido ao fato de que a maioria das mulheres editoras da revista já tinha passado pelo magistério, e sempre demonstravam muito orgulho com essa responsabilidade. Sempre elogiando os serviços prestados pelas Irmãs Dorotheas, pois pertenciam todas ao mesmo grupo católico.

Percebemos então, que os mais diversos discursos presentes na Flor de Liz, sempre seguiam orientações e influências da Igreja Católica, principalmente quando se referiam à instrução, orientação e educação da mulher. Nisso inúmeras páginas da revista eram responsáveis em difundir os ideais da Igreja, principalmente por meio da educação, funcionando educação e instrução como elementos inseparáveis.

Nesse contexto de influência religiosa a fundadora do grupo religioso das Irmãs Dorotheas, a beata Paula Frassinetti foi homenageada em um artigo da Revista Flor de Liz, em que expunham fervorosamente sobre a beatificação da instituidora.

Acaba de ser beatificada a venerável fundadora do instituto de Santa Dorothea- Madre Paula Frassinetti. Eis ahi uma alma daquellas de quem diz Elysaabeth Leseur que, elevando se, elevou o mundo. Seu processo que vae seguindo os tramites legais na prudência da santa Igreja , já autoriza a se dizer, que é uma santa a enriquecer a galeria de honra do martyrologio christão. E que fez para subir tanto? Occultou se, como os outros santos soffreu como os outros santos, fez o bem como os outros santos; continua a fazer o bem, como os outros santos. Não há moda, na santidade. Só há uma regra para a solução desse problema. Paula Frassinetti, nem teve o brilho de opulenta riqueza a lhe enflorar a vida no século, nem teve as seduções de radiante mocidade a lhe tapetar a adolescencia. (FLOR DE LIZ, ABRIL, 1930).

Percebemos com isso, que havia grande confiança, dedicação e respeito das mulheres de Cajazeiras que fizeram parte tanto da Escola Normal, quanto da Ação Social Católica Feminina pelo grupo das Irmãs Dorotheas. Inclusive as escritoras da revista faziam parte de ambas às instituições.

Ainda nesse ambiente de vivências nas Escolas Normais, notamos que o magistério estava se tornando um espaço de feminização, pois em meio a tantas disciplinas ofertadas pelo currículo da escola havia algumas destinadas diretamente ao público feminino, como a presença das seguintes disciplinas:

Trabalhos com Agulhas, Economia Doméstica e Prendas Domésticas. Nesse contexto além das mulheres receberem informações, conteúdos e instruções, também aprendiam algumas dicas e técnicas domésticas para serem aplicadas no lar caso não seguissem a profissão de professora e conseguissem arranjar um casamento. Havendo com isso grande importância atribuída tanta a educação quanto ao matrimônio.

3.3 – Religião e Educação: Discursos femininos acerca dos lugares construídos e ocupados pelas mulheres da Flor de Liz.

Inúmeros foram os discursos presentes na Revista Flor de Liz sobre a associação dos temas que envolviam religião e educação voltados principalmente para a instrução feminina. Utilizamos nesse momento alguns discursos da própria Revista para apresentar o que essas mulheres relatam sobre elas e sobre os lugares que estão ocupando e sendo construídos para as mulheres daquele período.

Em um artigo de março de 1927, denominado: Na acção da mulher catholica se esteia a estabilidade da pátria, S Loureiro relata sobre a situação deplorável em que se encontra a pátria, consequência do desamor e do impatriotismo, como resultado inevitável da irreligiosidade lançada na consciência dessas mulheres pela moda imodesta. E ainda afirma a autora que diante desse enorme abismo que ameaça a pátria, se volta para as mulheres católicas à confiança, a salvação e a estabilidade do futuro, pois elas são as mães e as mestras brasileiras.

E dos defeitos da educação nacional é que nos vem a fraqueza de carácter, gerando na mulher a incapacidade de protestar contra o impudor que a avassala; no homem a cobardia de se deixar vencer pela corrupção libidinosa. Cumpre pois, a vós, que sóis as mães e as mestras, rumar convenientemente a educação nacional, porque da formação da mocidade que surge, depende a salvação do futuro. (...) A escola e o lar são officinas onde podereis fundar uma nacionalidade forte, inquebrantável, formando-lhe o coração, inoculando a fé, esclarecendo-lhe a intelligencia à luz do Evangelho. (FLOR DE LIZ, MARÇO DE 1927).

Notamos a partir da fala da autora que na situação em que se encontra a pátria também existem crises e defeitos na educação nacional, e nisso cabe às mulheres que ocupam as funções de mães e mestras lutar para que a formação da mocidade seja bem encaminhada, pois dela depende a salvação do futuro. Tendo nesse momento a escola e o lar lugares importantes onde podem ser constituídas e exploradas a formação da nacionalidade, baseados sempre nos preceitos religiosos.

Ainda empregando essa responsabilidade atribuída à mulher, Maria Lustoza, na edição de abril de 1927, expõe sobre a importância da mulher em instruir-se. Para a autora, educação e instrução são elementos inseparáveis, que devem sempre estar presente no universo feminino, pois elas se esforçam mais que outras classes para a realização de obras de valor. Tendo a instrução grande importância para as moças naquela época porque consegue fixar a religião a moral e as grandes ideias que poderão contribuir para o desenvolvimento intelectual feminino. E ainda afirma que a corrupção consegue entrar na sociedade por meio das mulheres, e uma mulher bem instruída na religião e na educação não contribuirá para a devastação da sociedade e da civilização. A partir de artigos com esse a Flor de Liz revela seu caráter educativo, sendo através da instrução e do trabalho que a mulher poderia alcançar sua autonomia perante a família ou a sociedade.

A luta pela emancipação através dos estudos era um tema recorrente em vários periódicos feministas que se empenhavam em defender a instrução como uma das armas mais poderosas para conquistas femininas. Essa luta era reforçada pela necessidade das mães educarem seus filhos para serem bons cidadãos. Assim, para as mulheres cuidarem da organização do lar, do equilíbrio da família, instituição de base da pátria, precisavam de um certo grau de instrução.(SALES, 2005, p. 151-152).

Nesse contexto, notamos a presença de táticas, organizadas pelos discursos produzidos pela sociedade e empreendidas pelas mulheres da Flor de Liz, pois tais discursos presentes na revista também reafirmam a contribuição valiosa da mulher para a sociedade e com isso abrem novos caminhos para o mundo feminino e principalmente abordam temas relacionados à igualdade de

direitos femininos. Podemos perceber tais direcionamentos através do artigo: Em caminho do nosso ideal, publicado em abril de 1927, a autora Cynthia Mendonça Mattos afirma.

Felizmente já lá se vão os tempos em que se afirmava que as mulheres só podiam reinar tendo por traz de si o conselheiro homem!...

Felizmente já lá se vão os tempos em que se dizia que as mulheres tinham os cabellos longos e as ideas curtas!...

aparece na vida uma nova classe de mulheres que com o perfume de suas graças feminis lançam se á conquista da vida, competindo com o homem em quasi todos os ramos de suas actividades, derrubando portanto esse archaicos preconceitos e desvanecendo os velhos mytos!

Nem mais se faz mister adduzirmos provas dessa verdade, porque uma das maiores conquistas do feminismo foi cortar os cabellos e encompridar as ideas!...

O valor social da mulher que se observa hodiernamente no mundo é grande, e é incontestável.

Raro é o jornal mais lido, mais conhecido, mais illustrado que não tenha a sua página especial destinada á mulher, ás suas palestras, ás suas conferencias, ás suas victorias.

Há poucos dias li em um dos brilhantes vespertinos cariocas interessante chronica. Vem de um orgam da imprensa masculina.

Cabellos curtos e ideas longas eis a formula vencedora com que as mulheres do nosso século respondem ao remoque dos homens de outros séculos.

(...)

É, grande é sympathico o movimento feminista! É no estrangeiro, sobretudo na Inglaterra, Itália, Suécia, Allemanha, Dinamarca, França e etc, onde o feminismo é mais divulgado, onde as mulheres demonstram talentos para ocupar, senão todos, pelo menos a maior parte das funções reservadas ao homem. (FLOR DE LIZ, ABRIL, 1927).

A divulgação de textos como esse mostra a importância da mulher na sociedade, almejando alcançar os mesmos objetivos que os homens, comparando-se e igualando-se ao mesmo patamar ocupado por eles. Sendo os cabelos curtos, nesse momento um avanço obtido por elas. Mas para adquirir tão posição seria necessário antes de tudo que a mulher se instrísse, buscasse sua própria formação intelectual, para assim ser capaz de conquistar o lugar ensejado

em uma época com problemáticas e questionamentos em torno da educação feminina.

Contudo, em se tratando da importância feminina, havia quem discordasse dessas ideias, pois outros órgãos da sociedade também sabiam justificá-la, como a Igreja Católica por meio do Episcopado publicou um artigo na própria Flor de Liz, intitulado: A mulher evolui, onde defende que foi por meio dos desígnios de Deus que se mostrou o verdadeiro papel da mulher em uma sociedade que a admira, ela é apresentada como senhora e princesa.

(...) A mulher é o maior de todos os milagres da natureza, é o mais portentoso de todos os mistérios do universo, o milagre que mais engrandece o poder sumptuoso do creador. Última creatura na ordem da existência é Ela a primeira maravilha de Deus na ordem da perfeição e da beleza! Na formação da mulher distingue-se um carinho especial de Deus. Nem uma outra creatura teve destino mais sublime e mais bello. Foi, porém, a religião do Deus verdadeiro, a santa doutrina pregada aos povos pelo meigo Rabbi da galliléa que veio mostrar o papel importante da mulher no rol de todas as creações. (FOLR DE LIZ, JANEIRO, 1927).

Percebemos então que além da educação e instrução escolar, a mulher também deveria ser orientada pela religião, nos princípios da fé em Deus e da Igreja católica, só assim conseguiria atuar na sociedade, para conseguir resistir a uma época de fervoroso preconceito contra a atuação dela na sociedade. Notamos então que diversos discursos permeavam esse espaço ocupado e construído pelas mulheres.

Mesmo a Flor de Liz tendo orientação da Ação Social Católica Feminina, em muitos artigos dessa revista, as autoras compartilhavam as tendências que surgiam na sociedade devido aos símbolos da modernidade, e mesmo a Igreja possuindo uma postura rígida, não condenou nem proibiu tais publicações. Como exemplo muitos artigos que tinham sua temática atrelada à moda.

Em muitos artigos da Revista, notamos a divulgação da importância da educação feminina. Em um artigo da Flor de Liz de julho de 1927, denominado *Alguns costumes indianos*, observamos a troca de valores culturais das mulheres paraibanas com as francesas. Por meio de uma autora francesa com nome de Madame Jacolit ela mostra a maneira como as mulheres indianas eram educadas.

As mulheres da Índia, até bem pouco tempo, não sabiam ler. Era uma grande infâmia para a mulher honrada aprender a ler. O ensino das letras, só era permitido ás dansarinas, cantoras ou as mulheres que descem miseravelmente a ultima escala de degradação.

Graças, porém, á influencia estrangeira, hoje se bem que difficilmente as creanças indianas já vão às escolas. Madame Jacolit (...) expressa-se com muita graça e interesse em narrar as suas impressões sobre aquelle paiz e a mulher.

(...)

A mulher indiana é, geralmente, não muito bella. A mocidade dura pouco. Ser flor na Índia é ter uma existência ephemera , pois a beleza definha e morre na idade a que nós chamamos de juventude, isto é aos 25 anos. É natura, onde a velhice bate à porta tão rápido, o casamento cedo. E é por isso que ellas se casam em tenra idade.

(...) A mulher casada, não é mais do que simples e dedicada escrava. O homem a julga uma cousa inútil, mã e que deve ser ferida por suas provações. (FLOR DE LIZ, JULHO DE 1927).

Por meio da citação fica claro que as mulheres indianas são educadas para a submissão do marido, e o estudo em nada interfere em sua vida, pois é sempre destinada ao matrimônio e difficilmente conseguirá conciliar casamento e estudos. Diferenciando-se em certo ponto das brasileiras e das paraibanas, pois há numerosos artigos na revista que mostram a luta pela emancipação feminina por meio da instrução e da educação, buscando preencher espaços públicos na sociedade.

Com isso, essas mulheres personagens e protagonistas da Revista Flor de Liz conseguem escrever sua própria história, trocando os alfinetes e bordados com o objetivo de tecer outros rendados históricos. Usando estrategicamente o espaço da imprensa, defendiam tanto a moral e os bons costumes ditados pela Igreja Católica quanto à luta para ocupar um lugar que então lhe compete pela capacidade apresentada. Discussão essa permeada pelas relações de gênero, chamando-nos atenção para os lugares produzidos em torno do homem e da mulher.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir essa pesquisa sobre a presença feminina na sociedade Cajazeirense na década de 1920, por meio de artigos da Revista Flor de Liz, percebemos as astúcias e táticas empreendidas pelas mulheres na busca de novos espaços, utilizando como caminho a imprensa escrita.

Na construção desse trabalho observamos que as escritoras da Flor de Liz foram às pioneiras no campo da imprensa escrita de Cajazeiras, sendo a maioria dessas mulheres professoras, formadas na Escola Normal do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, com isso torna-se visível a importância dada por elas à educação e instrução da mulher.

Na análise da fonte, notamos que havia certo controle da Igreja Católica sobre a Revista e conseqüentemente a tentativa de influenciar as mulheres da Elite Social de Cajazeiras. Pois nesse momento a Igreja temia que as mulheres se desviassem para outros espaços que não tivessem a sua autorização como, por exemplo, o grupo das Feministas.

Nesse contexto de mudanças e modernizações em Cajazeiras, a Revista tentava reafirmar o papel da mulher, enquanto mãe, esposa, dona de casa e tinham na revista um meio para levar informações as demais conterrâneas. Contudo nas entrelinhas do periódico, percebemos que essas mulheres desempenharam estratégias para se inserirem nos mesmos patamares que os homens, e realizaram essas técnicas de maneira oculta, pois era constante o preconceito com as mulheres. Com isso não ficava definida ao certo qual a posição das autoras.

Então, propusemos uma discussão que perpassasse por esses diversos espaços que as mulheres ocupavam na sociedade, cabendo ressaltar, o espaço doméstico, religioso, profissional, feminino, social e ainda o espaço da imprensa, tão bem defendido por suas precursoras.

Assim sendo, tais narrativas presentes nas páginas da Flor de Liz, trouxeram aos dias atuais, informações sobre lugares, acontecimentos e pessoas que por meio de sua história contribuiu para o enriquecimento cultural da cidade de Cajazeiras.

Portanto, com esse estudo buscou-se uma maior contribuição sobre estudos que envolvem temáticas de gênero e imprensa na Paraíba, pois atualmente são poucos materiais produzidos com tal finalidade. No entanto a presença crescente das mulheres em diferentes espaços da sociedade, principalmente a academia tem estimulado a ampliação e diversificação de temas relacionados a gênero na produção historiográfica.

Diante do exposto, enfatizamos que as discussões apresentadas ao longo desta monografia buscaram analisar a participação feminina na imprensa e os lugares construídos para as mulheres na sociedade Cajazeirense, na década de 1920, utilizando como fonte documental a Revista Flor de Liz. Outras linhas de pesquisa poderiam ser adotadas nesse momento, mas acredito que novos estudos sobre esta temática poderão ser realizados, para que assim possam difundir novas pesquisas sobre mulheres.

Referências Bibliográficas

Livros, Dissertações e Teses.

ALBUQUERQUE, Simone Formiga. **Práticas de leitura em Cajazeiras- PB (1930-1950): Memórias de ex-professoras**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa, 2010.

ARANHA, Gervácio Batista. **As estações de trem nas cidades do Norte Brasileiro como símbolos de um novo espaço-tempo (1880-1930)**. In: Antonio Clarindo Barbosa de Souza, Paula Rejane Fernandes (orgs). Cidades e experiências Modernas. Campina Grande: EDUEFCG, 2010.

BARROS, José D Assunção. **O Campo da História, especialidades e abordagens**. Petrópolis: Vozes, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHAGAS, Waldeci Ferreira. **As singularidades da modernização na cidade da Parahyba nas décadas de 1910 a 1930**. Recife: 2004.

COSTA, S. S. **Mulheres Católicas e Feminismo na Paraíba no início do século XX**. In: XIV Encontro Estadual de História - História, Memória e Comemorações, 2010, João Pessoa. História Memória e Comemorações. João Pessoa : ANPUH-PB, 2010.

COSTA, Antonio de Assis. **A(s) Cajazeiras que eu vi e onde vivi (memórias)**. Gráfica Progresso, João Pessoa, 1986.

COSTA, Simone da Silva. **“Mulheres em defesa da honra: um estudo do Núcleo Noelista da Paraíba nos anos de 1930 a 1945.” 2007**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Paraíba.

COSTA, Suzana Queiroga da. **Jornal A Imprensa como fonte de informação e memória da produção editorial paraibana no século XX (1912 a 1942)**. João Pessoa, 2011.

FERNANDES, Paula Rejane. **O jornal o Mossoroense imprimindo um habitante moderno para Mossoró- RN.).** In: Antonio Clarindo Barbosa de Souza, Paula Rejane Fernandes (orgs). Cidades e experiências Modernas. Campina Grande. EDUEFCG, 2010.

LUCA, Tânia Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (orgs). Fontes Históricas. São Paulo: contexto, 2006.

MATOS, Maria Izilda S. de. **Studos de Gênero: Percursos e possibilidades na historiografia contemporânea**. São Paulo: S/Ed. S/D. Cadernos Pagu (?) S/D: São Paulo.

ROLIM, Eliana de Souza. **Patrimônio arquitetônico de Cajazeiras - PB: memória, políticas públicas e educação patrimonial**. João Pessoa: [s.n.], 2010.

SALES, Ana Maria Coutinho. **Tecendo fios de liberdade: escritoras e professoras da Paraíba do começo do século XX**/ Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. CAC. Letras. Recife/PE: O Autor, 2005.

SANTANA, Rosemere Olimpio de. **Raptos consentidos: afetos proibidos e relações de poder na Paraíba (1880-1910)** / Rosemere Olimpio de Santana. João Pessoa, 2008.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade: Porto Alegre, 16(2): 5-22, jul/dez, 1990.

SILVA, Favianni da. **A Eva do século XX: Analice Caldas e outras educadoras – 1891/1945**, Favianni da Silva. – João Pessoa, 2007. Orientador: Charliton José dos Santos Machado Dissertação (Mestrado) – UFPB/CE.

SILVA, Alômia Abrantes de. **Escritas e inscritas: Mulheres na imprensa nos anos de 1920**. In: SILVA; Alômia Abrantes; NETO, Martinho Guedes dos Santos (orgs). *Outras Histórias: cultura e poder na Paraíba (1889-1930)*. João Pessoa; editora universitária: UFPB, 2010.

_____. **As Escritas Femininas e os Femininos Inscritos: Imagens de mulheres na imprensa parahybana dos anos 20**. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Pernambuco: Recife, 2000.

SILVA FILHO, Osmar Luiz da. **Na Cidade da Parahyba, o percurso e as tramas do moderno**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 1999.

SOIHET, Rachel. **“História das mulheres”**. In: CARDOSO, Ciro F. S.; VAINFAS, Ronaldo (orgs), *Domínio da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campos, 1997.

SOUZA, Antônio José de. **Cajazeiras nas crônicas de um mestre-escola**. João Pessoa, Editora Universitária UFPB, 1981.

SOUZA, Lincon César Medeiros. **Cinematographo: A imagem da modernidade e das práticas socioculturais na cidade de Campina Grande –1900-1940**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, 2009.

WANDERLEY, Mayrinne Meira. **Por uma Era Nova: discursos e distinções na Parayba do Norte (anos 1920)**. In: SILVA, Alômia Abrantes e NETO, Martinho Guedes dos Santos (orgs). *Outras Histórias: Cultura e Poder na Paraíba (1889-1930)*. João Pessoa; Editora Universitária, UFPB, 2010.

REVISTAS:

O RIO DO PEIXE: *Edição Histórica Alusiva aos 80 anos*. Cajazeiras: GRÁFICA REAL/Gráfica e Editora, Agosto de 2004.

PÁTRIA JORNAL: *Edição Histórica, alusiva aos 80 anos*: Cajazeiras: Gráfica Real/ Gráfica e editora, agosto de 2003.

Revistas Flor de Liz:

Revista Flor de Liz, Ano 1; Nº 5; Abril de 1927. Editoras Graphics Rio do Peixe.

Revista Flor de Liz, Ano 1; Nº 9; Agosto de 1927. Editoras Graphics Rio do Peixe.

Revista Flor de Liz, Ano1; Nº 1; Dezembro de 1926. Editoras Graphics Rio do Peixe.

Revista Flor de Liz, Ano 1; Nº 3; Fevereiro de 1927. Editoras Graphics Rio do Peixe.

Revista Flor de Liz, Ano 1; Nº 7; Junho de 1927. Editoras Graphics Rio do Peixe.

Revista Flor de Liz, Ano1; Nº 2; Janeiro de 1927. Editoras Graphics Rio do Peixe.

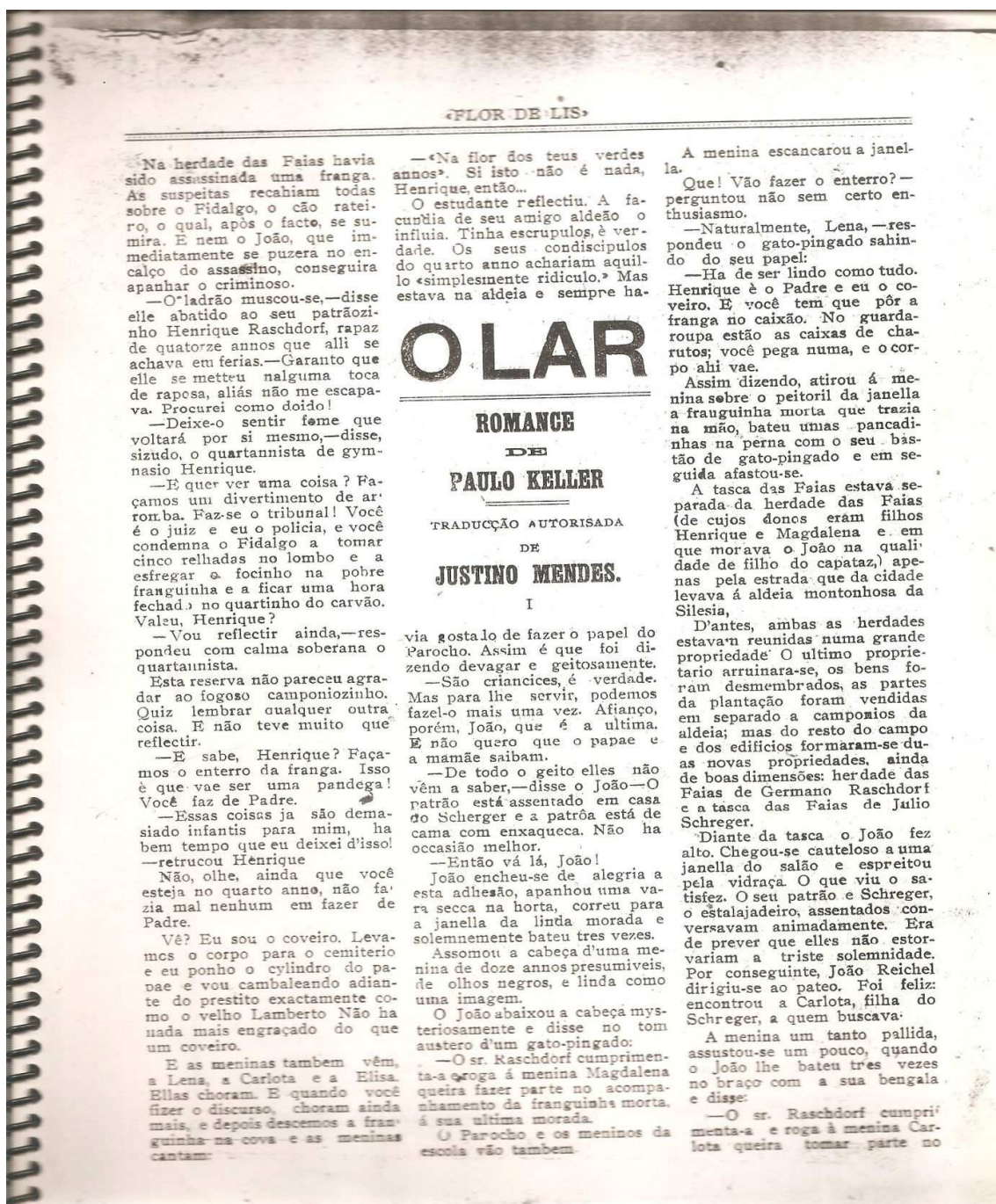
Revista Flor de Liz, Ano 1; Nº 8; Julho de 1927. Editoras Graphics Rio do Peixe.

Revista Flor de Liz, Ano 1; Nº 12; Novembro de 1927. Editoras Graphics Rio do Peixe.

Revista Flor de Liz, Ano 1; Nº 6; Maio de 1927. Editoras Graphics Rio do Peixe.

Anexos

Anexo 1



Anexo 2

«FLOR DE LIZ»

VARIEDADES

De onde vinha aquelle bonito anel

Como todos sabem, o santo Papa que illustrou o pontificado nos primeiros annos deste seculo, o saudosissimo Pio X, era filho de uma humilde lavadeira. Era, porem, uma mulher segundo o espirito evangelico, que tomou a si o nobre encargo de formar seu filho para ser um santo, como ella.

Quando Giuseppe Sarto, foi sagrado bispo de Mantua, donde passou para o patriarchado de Veneza e depois para o throno de S. Pedro, os seus antigos collegas de Seminario lhe ofereceram o anel episcopal, uma magnifica joia, com a amethysta cercada de brilhantes custosos.

O santo bispo que nunca perdera a simplicidade e a grande ternura por sua mãe, mostrou-lhe a bella joia. Ella que nunca na sua vida, vira cousa igual, não poude deixar de se dominar daquelle santo orgulho que devem ter todas as mães, ante os triumphos dos filhos. Mas sorrindo ingenuamente, lhe mostrou tambem o seu grosseiro anel de prata, a querida alliança de seu casamento abençoado e lhe disse:

— Vês, «Carino», si não fora meu anelzinho, não terias o teu bello anel

Como unica resposta, o bispo tomou nas suas, aquellas enrugadas mãos tão queridas e as beijou, bem convencido de que, sem aquella santa mestra, o seu destino seria outro sem duvida.

Mães sertanejas, ja pensastes no poder que tendes sobre o destino de vossos filhos?

Doce de abacaxi

Este doce aliás saborosissimo, tem por base a tomate bem madura, á qual o abacaxi dá apenas o valor e o aroma, ficando excellente si este ultimo for em fructa natural e não crystallizado.

Receita:—
1/4 de libra de tomates maduras.

2 limões.
1 abacaxi em fructa ou crystallizado.

4 libras de assucar candi.
Descasca-se o abacaxi, retalhando-o em pedaços pequenos, fazendo o mesmo si elle for em doce. Deixa-se de molho em agua bem fresca por espaço de cinco minutos.

Juntam-se o assucar e as tomates ás quaes se deve ter tirado a pelle em agua fervendo e, quando arrefecidas, partem-se cuidadosamente aos bocados addicionando-lhes sumo de limão. Vae a coser em fogo brando, até a calda ficar espessa e as fructas bem limpidas. Guarda-se em vazilhas e tapa-se.

Bacalhau assado ao forno

Coze-se o bacalhau, cortado em postas e depois de cozido collocam-se as postas numa travessa de ir ao forno, com azeite, manteiga, dentes de alho picados, pimenta, sumo de limão e miolo de pão ralado; em seguida leva-se ao forno a assar.

Gangiea de milho verde

15 espigas de milho verde.
Ralam-se, deixam-se em agua fria para amollecere e depois peneira-se. Escorrida a agua, deita-se sobre a massa o leite de 2 côcos, um pouco de manteiga, herba-doce, canella em pó e leva-se ao fogo para cozinhar com 1/2 kilo de assucar.
Põe-se em forma ou em prato.

Balas de café

Misturam-se um copo de café forte, 1 de leite, 3 de assucar, 1 colher de manteiga, 3 colheres de mel e 1 colher de farinha de trigo com uma gemma. Leva-se ao fogo e mexe-se até ficar no ponto de bala. Depois deixa-se esfriar sobre uma bandeja e se corta.

Costelletes de carneiro grelhadas

Tomam-se as costelletes, temperam-se com sal fino e pimenta em pó, cobrem-se com manteiga derretida, collocam-se sobre a grelha, e esta sobre fogo brando, voltando as costelletes passadas uns cinco minutos e deixando-as expostas ao fogo por outro tanto tempo.

Sirvam-se com batatas fritas.

Si todos fizessem assim

O Rei da Hespanha atravessava uma noite os salões de um casino em Madrid, sem parar, quando um duque lhe perguntou: Vossa Magestade quer jogar? O Rei respondeu immediatamente: Não; primeiro porque não sou rico, depois porque jamais gostei de qualquer jogo.

TUBO de aquarella branca recebeu o «O Rio do Peixe.»

Cartões de visita recebeu «O Rio do Peixe.»

UMA ESTUFA ELECTRICIFICADA



Anexo 3



Notas Elegantes

Tres Lustros

Com o volver do proximo dia 29 do corrente, decorre a passagem do 12º anniversario da posse do Exmo. e Revdmo. Sr. D. Moyses Coelho, na Sé Episcopal desta Diocese. O que tem sido esse governo fecundo, os beneficios inestimaveis que desse facto advieram ao sertão parahybano, dil o bem alto to do o seu rebanho que, sem dis crepancia de uma só voz, vê no Antistite querido o outro Moyses, guia de um povo martyri sado a quem introduziu na Ter ra do Provisão.

Ao preclaro Pastor, a «Flor de Liz» cumprimenta resp i tamente, interpretando o sen tir de todos seus diocesanos.

FIZERAM ANOS:

JUNHO

dia 5, Mlle Chiquinha Andrade, ornamento do escol social de Piranhas;

dia 6, Mme. Anna Julia Mar ques, virtuosa esposa do Sr. Alvaro Marques, da firma J. Marques & F., desta praça, sr. Raul Pires Braga, da firma D. Cartaxo & Cia., tam bém desta praça; a Srta. Lu zia Lyra Braga, filha do sr. Victal Braga;

dia 10, o sr. Saly Nobrega, au xiliar da casa Virgilio Ma racajá;

dia 11, os jovens Thomé Tava res, auxiliar da casa J. Alba no & Cia. e João Cartaxo, funcionario do Fisco Esta dual;

dia 13, Mme. Angela Ribeiro, digna esposa do sr. Agnelino Ribeiro;

dia 15, Mlle Todinha Sá, de nossa elite social;

dia 16, o Revdmo. Pe Dr. Ma noel Macedo, do clero da Ca pital Federal;

Fazem annos:

dia 17, a graciosa Nazinha Reis, filha do Sr. Juvenal Carva-

lho e D. Eliza Carvalho; dia 30 Mlle. Mocinha Braga, fino elemento de nosso meio social;

JULHO

dia 1, a interessante Mundinha, filhinha do Sr. Celeste Ri beiro e a pequerrucha Ale xandrina, filhinha do Sr. Fran-

nio de Figueiredo, commerci ante em Conceição, dia 14 a senhorinha Suzana Be zerra, filha do sr. Cel. João Bezerra;

dia 16, o pequeno Otoniel, fi lhinho do sr. José de Olivei ra e sua digna esposa;

dia 29, o sr. Pedro Gomes.

NASCIMENTO

Nosso distincto collaborador Dr. Manoel Sedrim e sua exma. consorte D. Santa Sedrim tive ram seu lar enriquecido com o nascimento de uma galante cre ança do sexo feminino.

—Ocorreu, no dia 18 ultimo o nascimento de mais um fi lhinho do casal Joaquim Men des Braga e D. Cacilda Braga.

—Rosa de Lourdes é o no me de mais uma filhinha com que foi mimoseado o lar de nos so illustre conterraneo dr. Fran cisco de Albuquerque e sua es tremecida esposa d. Judith A quino de Albuquerque, residen tes na capital Federal.

CASAMENTO

Consoiciaram-se em Souza, a Senhorinha Maria Olivia Ro cha, filha do Sr. José Rocha e D. Olivia Sarmento Rocha com o Sr. Coronel Emygdio Sarmen to, commerciante e industrial que gosa no alto sertão para hybano de elevado e merecido conceito.

FALLICIMENTOS

Voou ao ceo o interessante João Pio filhinho do distincto casal Jayme Pinheiro e D. Ni nah Pinheiro, de Conceição.

—Com muita consternação de sua desolada familia, falleceu nesta cidade a senhorinha Ma ria Candida de Araujo, dilecta filha do Sr. Manoel Venancio de Araujo.



O sr. Alfredo Gomes, commer ciante muito estimado em Con ceição, estremeccido genitor de nossa amiguinha Isa Gomes, uma verdadeira dedicação com que conta a «Flor de Liz»

cisco Bezerra e sua exma. consorte;

dia 4, a mimosa Maria There zinha, filhinha do sr. prof: Hildebrando Leal e sua que rida esposa, nossa presada Di rectora;

dia 11, d. Maria Paz Barretto, esposa do respeitavel Sr. E varisto Guedes;

dia 12 Mlle. Maria Lustosa, ap plicada alumna de nossa Es cola Normal;

dia 13, o joven Zacharias Mou ra, alumno do Collegio Pe. Rolim e o sr. Antonio Sito-

no de Figueiredo, commerci ante em Conceição, dia 14 a senhorinha Suzana Be zerra, filha do sr. Cel. João Bezerra;

dia 16, o pequeno Otoniel, fi lhinho do sr. José de Olivei ra e sua digna esposa;

dia 29, o sr. Pedro Gomes.

no de Figueiredo, commerci ante em Conceição, dia 14 a senhorinha Suzana Be zerra, filha do sr. Cel. João Bezerra;

dia 16, o pequeno Otoniel, fi lhinho do sr. José de Olivei ra e sua digna esposa;

dia 29, o sr. Pedro Gomes.

Anexo 4

«FLOR DE LIZ»

PALAVRAS CRUZADAS. - ENIGMA N. 2.

1	2	3		4		5		6	7	8	9
10									11		
12			13		14	15		16	17		18
		21		21				21		23	
		25						25			
27			28	29	30	31	32		33	34	35
		31							40		
41	42		43						44		45
46		47		48					49		50
51			52		53				54		55
56				57					58		
59					60				61		
62									63		
64									65		
66						67			68		69
70					71				72		73

N.
Rua
Nome
Estado
Localidade

CHAVE

- HORISONTAES —**
- 1 — Ilha do archipelago da Sonda
 - 4 — Elemento
 - 5 — Igreja
 - 6 — Rio da Russia
 - 10 — Pae de Loomedonte
 - 11 — Oleo inglez
 - 12 — Medida
 - 14 — Pronome
 - 16 — Alcunha
 - 19 — Interjeição
 - 20 — Poeta tragico francez
 - 22 — Marido de Bethsabé
 - 25 — Espira
 - 26 — Nevoeiro
 - 28 — Manha
 - 33 — Difficultosamente
 - 39 — Rio do E. do Pará
 - 40 — Fruir
 - 41 — Peso Romano
 - 43 — Sulcar
 - 44 — Molestia infecciosa
 - 45 — Rei de Basan
 - 46 — Forma do infinito do verbo dizer.
 - 48 — Mãe de Godofredo de Buillon
 - 49 — Nome de homem
 - 50 — Rei da Hungria
 - 51 — Cidade da Phocida
 - 53 — Contração de preposição
 - 54 — Metamorphoseado em novilha por Jupiter.
 - 55 — Rei da Dinamarca
 - 56 — Flores
 - 58 — Rei da Lydia
 - 59 — Rio de Matto Grosso
 - 61 — Lagoa no E. do E. Santo
 - 62 — Tributario do rio S. Francisco.
 - 63 — Retida
 - 64 — Enchem
 - 65 — Veste
 - 66 — Limites
 - 69 — Conserva de uva
 - 70 — Sorte

A Educação

Quem julgaes vós que será este menino?

(S. Luc. I.66)

Nasce a criancinha no ambiente preexcelente e perfumado do lar paterno, onde cresce ouvindo quotidianamente os conselhos prudentes, carinhosos e por extremo insinuantes da sua mãe virtuosa e santa, vendo todos os dias os bons exemplos das suas mães mais velhas; adorando o supremo Criador do universo, o Espírito Santo que santifica as almas, o Christo que se immolara no Golgatha, pela regeneração da humanidade decahida; venerando Maria e os Santos que, por suas virtudes e heroísmos, conquistaram o céu, os anjos que bendizem o Omnipotente, enfim, «vae crescendo em idade e sabedoria deante de Deus e deante dos homens.» Mas, porque é que essa criancinha assim crescida vem se tornar, mais tarde, um impio, um materialista, um anti-clerical? ou, ás vezes, vem a adoptar todas as seitas, a ser adepto de todas as religiões, excepto da Catholica, em cujo seio nasceu e se criou, obedecendo a todos os seus dogmas e cumprindo todos os seus preceitos?... A resposta, ao meu parecer, aliás desautorizado, é muito simples: E porque foi criada com muita estima e carinho, mas pouca foi a educação que recebeu.

Tivesse ella recebido uma educação seria, solida, e jamais se esqueceria dos seus dias primeiros, dos conselhos e ensinamentos maternos, nem dos bons e tocantes exemplos que viu em sua mocidade, pois, disse o Espírito Santo: «O homem seguirá a sua primeira via e, em sua velhice mesmo, não a abandonará».

O menino que for bem educado será naturalmente um bom christão, um cidadão virtuoso, honrado e útil á patria. Pelo contrario se poderá ser um homem viciado, inimigo de Deus e da Religião, um perturbador da ordem publica, um criminoso, talvez.

«A educação, diz sabiamente um proverbio arabe, é o diadema da criança.» Quer assim dizer que o futuro, a felicidade de um menino depende, tão somente, da educação que recebeu em seus principios. Parodiando, dizem os que a educação é o diadema da sociedade, o modelo onde ella toma as suas formas.

Li algures: a educação é tudo, ella é o homem, a sociedade, a religião, tudo vem d'ella, como o rio emana da fonte, como «le chène vient du gland».

O proprio paganismo reconhecia a necessidade da educação. Platão affirmava que ella era a base da sociedade. «L'education des jeunes années, dizia elle, est absolument necessaire pour la vie entière.»

Bem razão tinha o celebre philosopho em assim falando, pois estamos convictos que a educação é para a criança o que a cultura é para a terra, a poda para as arvores fructificadoras.

Como a vinha, disse S. Antonino, a alma da criança deve ser podada, isto é, educada seriamente.

Para se envenenar as aguas de um rio é bastante pôr-se veneno na fonte donde elle emana. O mesmo acontece com a criança: para que a sua vida não seja digna, honrada, é bastante não ter tido bons principios, bons costumes, boa educação.

E, pois absurda a philosophia de J. J. Rousseau, dizendo que o homem se degenera na sociedade. Bem longe da verdade estava o grande misanthropo assim affirmando!

Outrosim erro quem disse que «o homem é o producto

do meio.» Não resta duvida que o meio tem a sua influencia, mas, absolutamente, por peor que seja, não corrompe, em completo, um homem que recebeu uma solida educação em seus primordios.

Ouvimos falar muito em instrução, em alphabetismo, porque muitas são as pessoas que confundem instrução com educação, ignorando que esta está muito além daquella. Intensifiquemos, não ha duvida, guerra á ignorancia, verme nojoso que corroe e corrompe a dignidade de uma patria livre, mas, sobretudo, procuremos educar a mocidade.

Que os senhores paes não se descuidem, pois, da educação dos seus filhos, instruindo-os tambem, é o que desejo, foi o meu unico «desideratum», em creverendo estas desprezenciosas linhas.

E quando vos interrogarem deante d'um recém-nascido, o que perguntaram aos paes de S. João Baptista: «Quem julgaes vós que será este menino?» Respondei simplesmente: um homem honrado, digno da sociedade, util á Patria e á Religião, si for bem educado, ou, um homem sem character, sem criterio, sem dignidade, si for criado sem educação, como o filho do inimigo de Denis, o Tyranno, cuja historia todos vós conheceis...

MOZART M. MENDONÇA

Aracaty, 28/4/27.

ADVOGADO

Manoel Fortes

aceita causas nesta cidade e a todo o tempo a qualquer chamado para os municipios vizinhos.

Rua Pa. Polim - Caldeiras

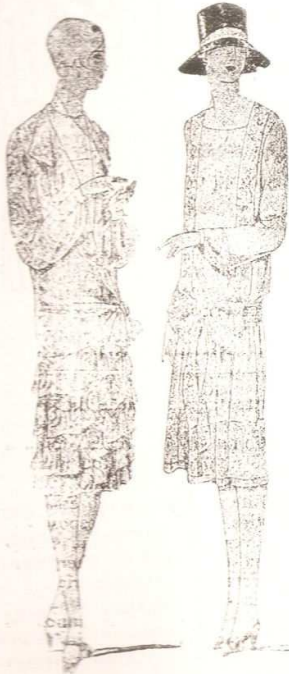
Anexo 7

A Moda

Que olhos não se miram diante da arte e da graça? Quem já não ouviu uma mulher falar da moda? Applaudil-a ou censural-a? Que dedos femininos, por mais delicado, não sentiram ainda o contato de uma agulha de aço?

Eis, leitoras amigas, o que pensamos antes de abrir essa interessante seção de graça, elegância e belleza.

Tentamos fazer de nossa revista, um magazine estimado não só pelo valor literario que desejamos dar-lhe, e o que também se lhe possa artistico, interessante e esportivo. Não com o intuito que se queira brincar e se sentar os lares. Mantemos nella uma pequena seção de utilidades domesticas que possam dar algo de proveito a senhoras dedicadas e inteligentes leitoras, eis tudo quando queremos. Tentamos, estampando sempre em nossas ligéras e chronicas, aquilo que fomos sabendo das mais recentes toilettes, de escolhidos modelos, dos mesmos trabalhos de agulha, das confecções de roupas e bordados, á machina ou á mão, como sejam: vestidinhos de crianças, toalhas, lençóis, colchas, guarnições, abat-jours etc. por que tanto se interessam as senhoras habituaes.



Modelo em crepe georgette bege e rendas, com grupos de franjidos na saia. Modelo em gaze estampado, com volantes e bolsos para tornozello e saia.

quillo que fomos sabendo das mais recentes toilettes, de escolhidos modelos, dos mesmos trabalhos de agulha, das confecções de roupas e bordados, á machina ou á mão, como sejam: vestidinhos de crianças, toalhas, lençóis, colchas, guarnições, abat-jours etc. por que tanto se interessam as senhoras habituaes.

A moda sempre se renova em todos os

tempos e em todos os lugares. Não é a moda alemã e outros modelos de imitação de outros países, mas a moda que se cria em cada país e em cada época, e a moda é essencialmente séria.

Com a moda apparecem as maneiras e os hábitos de viver, de conversar, de se vestir, de se comportar, de se relacionar. Eca. Ao mesmo tempo a moda tem a sua influencia sobre a moral, sobre a educação, sobre a cultura, sobre a vida social. Não é a moda que cria a moral, mas a moral que cria a moda. E a moda é sempre o complemento da moral.

Nenhuma inconveniencia ha, por conseguinte, em seguirmos as pegadas da moda. O que corrompe, deforma a mulher, deforma os lares, são os seus excessos. Esses são também os condemnamos, porque elles arruam a paz da consciencia.

Ha um scuto nas saias que a moda moral. Acompanhem-no, Amada e não cumpridas os vestidos? Façam-no com um prazer.

Se a moda é inconstante, sejamos constantes em ella, sem perda do sentimento da nossa dignidade e que devemos ser constantes. O que não agrada é estarmos livres de regras de elegancia e do bom gosto.



LINDO MODELO EM QUE A SIMPLICIDADE FAZ REALÇAR A ELEGANCIA. ESTE MODELO ENCONTRA MUITA FACILIDADE EM SE FAZER IMITAR.



MF
un
He
des
de
cre
for
nu

pr
gr
se
di
fi
I
P

Anexo 8

Christiano Cartaxo

A FLOR DE LIZ, sendo intenso, orgânico em registo em suas páginas; o transcurso do natalício de seu presado amigo, o illustre poeta cajaseirense Christiano Cartaxo, occorrido no dia 7 do findante.

Quem se interessa pelo desenvolvimento intelectual de Cajaseiras, tem de encontrar deante de si, como figura de relevo, a personalidade do vibrante descendente de Mãe Anninha.

Pena é que Christiano tenha derramado sua alma cheia de emoções pelas paginas esparsas das publicações periodicas, nunca se deixando convencer de que deve enfeixal-as em um volume.

Esposo de um de nossas directoras, a «Flor de Liz» tem logrado a ventura de estampar alguma dessas produções, obtendo mais a certeza de gozar da predilecção do poeta.

Mas Christiano não tem só este mérito: elle é, sem favor e sem lição; um dos filhos de Cajaseiras que mais têm sabido captar a estima e confiança de seus condações.

E Christiano fez já a isto porque Cajaseiras com sua gente e suas tradições, é uma especie de canção perpetua que o poeta traz dentro d'alma a espoucar em cada phrase, em cada sentimento.

Queremos illustrar este registo com uma producção mais de Christiano.

E Cajaseiras, um soneto primoroso, velho mas sempre vivo para quem o lê e que devia andar ao ouvido de todos nesta terra.

O poeta não se satisfaz com elle. Tem revelado o desejo retiral o de sua bagagem litteraria vulgarizal-o cada vez mais, para que se torne uma especie de hymno de Cajaseiras.

Nós, porém, preferimos cada vez mais, para que se torne uma especie de hymno de Cajaseiras.

CAJASEIRAS

Formosa affirmacão da vida vegetal;
Magestosa expressão da flora sertaneja.
Olhos não ponho em ti que em fremitos não veja
Fulgir a tradiçãõ do meu torrão natal.

E transpondo os humbraes da solitaria egreja
Ante a altar genuflexo o crente fica—tal.
Me quedo ante o teu vultõ, a alma a sentir que voeja
Põr sobre a ramaria em ronda festival.

Bemdito o afan com que nõ as tuas raizes
Seiva busear no chãõ! Bemditos os matizes
Da folhagem de verde aberto a verde ganio

A força vegetal que os teus fructos aloura!
Fructos! jalde collar de bugos de topazio
Que a luz do luar prateia e a luz do sol redoira.

Anexo 9

"FLOR DE LIZ"

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
Centro de Estudos de Artes e Ofícios - CFP
BIBLIOTECA
CAMPUS V - 58000 - PARAIBA







O crochet

Eis como a «Revista Feminina» se manifesta sobre os trabalhos desta pagina:

Moderno, embellezado pto emprego de fios de côres, o CROCHET está sendo de novo muito empregado para as guarnições de nossa casa. E eis aqui um motivo, de grande simplicidade, que servirá de lindo enfeite a uma toalha, centro-mesa, almofada, etc.

Damos, no centro de nossa pagina, o modelo de um rico centro de mesa, que pode ser feito em linho de côr ou crú, segundo o gosto de cada qual. O centro é constituído por um lindo motivo de bordado inglez, executado sobre linho duplo. POMPONS de algodão de côr guarnecem as extremidades.

--- de côr

A touquinha, verde azeitona para o fundo, é ornada de rosas amarello-ouro. A almofada tem um fundo crú e de rosas tango.

Eis agora alguns detalhes que vos explicarão a execução deste trabalho alias bastante simples.

Para o galão, formando fundo, começa uma cadeia, fazei 4 bridas simples, 1 malha á vontade, voltae, 4 bridas, outra malha, voltae, etc.

As rosas, cujo CROCHET é exatamente indicado pela gravura, são feitas em separado e costuradas sobre o fundo de galões e de BARRETTES á PICOT, de modo irregular.

Naturalmente, as BARRETTES que sustêm os galões são feitas a agulha, como o clichê o indica.